

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA  
INSTITUTO ECUMÊNICO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

KEILA AZEVEDO DA SILVA GUIMARÃES

O ENSINO BÍBLICO ENQUANTO AGENTE PERFORMATIVO DO 'ETHOS' DA  
SOCIEDADE:  
UMA EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL A PARTIR DA  
CONFESSIONALIDADE DA IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS

SÃO LEOPOLDO  
2010

KEILA AZEVEDO DA SILVA GUIMARÃES

O ENSINO BÍBLICO ENQUANTO AGENTE PERFORMATIVO DO 'ETHOS' DA  
SOCIEDADE:  
UMA EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL A PARTIR DA  
CONFESSIONALIDADE DA IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS

Trabalho Final de Mestrado Profissional  
Para obtenção do grau de Mestre em  
Teologia  
Escola Superior de Teologia  
Programa de Pós-Graduação  
Práticas Sociais - Gestão e Redes Sociais

Orientadora: Dra. Laude Erandi Brandenburg

SÃO LEOPOLDO

2010

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G963e Guimarães, Keila Azevedo da Silva

O ensino bíblico enquanto agente performativo do “ethos” da sociedade: uma experiência na educação infantil a partir da confessionalidade da igreja Assembleia de Deus / Keila Azevedo da Silva Guimarães ; orientadora Laude Erandi Brandenburg. – São Leopoldo : EST/PPG, 2010.  
86 f.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2010.

1. Ensino religioso. 2. Assembleia de Deus – Educação. 3. Educação – Aspectos morais e éticos. 4. Igreja e problemas sociais. 5. Ética social. 6. Ética – Ensino bíblico. I. Brandenburg, Laude Erandi. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

KEILA AZEVEDO DA SILVA GUIMARÃES

O ENSINO BÍBLICO ENQUANTO AGENTE PERFORMATIVO DO 'ETHOS' DA

SOCIEDADE:

UMA EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL A PARTIR DA

CONFESSIONALIDADE DA IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS

Dissertação de Mestrado  
Para obtenção do grau de Mestre  
em Teologia  
Escola Superior de Teologia  
Programa de Pós-Graduação  
Práticas Sociais – Gestão e  
Redes

Data: 30 de novembro de 2010

LAUDE ERANDI BRANDENBURG – Doutora em Teologia – EST

---

RODOLFO GAEDE NETO – Doutor em Teologia – EST

---

## **RESUMO**

A presente pesquisa enfoca o Ensino Bíblico enquanto agente performativo do ‘ethos’ da comunidade através da aplicação do Projeto Político Pedagógico em Escola de Educação Infantil numa comunidade de altíssimo risco de morte, criminalidade e grande propensão para doenças psicoativas. O presente trabalho delineará os processos aplicados para que a Proposta Pedagógica pudesse ser consolidada e apresenta resultados na busca da educação integral da pessoa humana. Visa não apenas as crianças matriculadas no CEEI “Artur Montanha”, mas toda a comunidade do Bairro Jd. Solemar em São José – SC os agentes responsáveis pela performatização do ‘ethos’ da comunidade em questão podem ser enumerados da seguinte forma: como primazia o Ensino Bíblico; a Escola de Educação Infantil; participação ativa da Instituição Assembleia de Deus; todos estes itens visando à transformação social. Os espaços terapêuticos oferecidos a toda comunidade também podem ser classificados como fator contribuinte nos resultados efetivados na presente pesquisa.

**Palavras Chaves: Ensino Bíblico, Educação Infantil, ‘ethos’, comunidade, Assembleia de Deus, transformação social.**

## **ABSTRACT**

The present research focuses on Bible Teaching as an active agent on the ethos of the community through the application of a Pedagogical Project Policy, in an Infant school, in a community with a high mortality rate, criminality and a great propensity for psychological illnesses. The present work outlines the processes applied so the Pedagogical Project could be consolidated and presents results in the quest for wholistic education for human beings. The intention was to include, not only the students enrolled in CEEI `Arthur Montanha`, but the community at large of Jardim Solemar district in São José – Santa Catarina State. The agents responsible for the realization of the ethos of the community in question can be enumerated in the following way: primarily Bible Teaching; an Infant school; active participation in the Assembly of God Institution; all of these items aiming at social transformation. The therapeutic places offered to all the community also can be classified as a contributing factor in the effective results of the present research.

**Keywords: Bible Teaching, Infant Education , Ethos, Community, Assembly of God, Social Transformation.**

## **DEDICATÓRIA**

**A Sérgio Aparecido Guimarães meu esposo e grande incentivador para que este sonho se realizasse.**

**Aos meus filhos: Priscila e Silas; genro Junior e nora Bruna; meus netos queridos João Vitor e Nicolly.**

## **AGRADECIMENTOS**

### **A DEUS SEJA A GLÓRIA!**

**Aos meus pais e sogros pelas constantes orações.**

**Aos educadores que fizeram parte da pesquisa de campo, e como equipe de apoio.**

**Aos meus queridos alunos que, incessantemente oravam para meu completo êxito.**

**À Igreja Assembleia de Deus de São José/SC; e ao pastor presidente Ezequiel Montanha.**

**E a todos que de alguma forma contribuíram para esta realização.**

**A DEUS RAZÃO DA MINHA VIDA!!!**

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 BREVE HISTÓRICO TRADITIVO SOCIAL DA INSTITUIÇÃO COMO PANO DE FUNDO .....	14
1 A Instituição de Ensino.....	14
1.1 Visão .....	14
1.2 Missão .....	14
1.3 Propósito .....	15
1.4 Princípios Norteadores .....	15
1.5 Objetivos específicos .....	17
2 Agentes diretos como promotores do processo ensino aprendizagem .....	19
2.1 A Pedagogia Social em perspectiva na Educação Infantil .....	19
2.2 A Educação Popular.....	20
2.3 A Educação Social .....	21
2.4 A Educação Comunitária .....	21
3 As Interferências dos Agentes Educadores/as sobre a Comunidade .....	23
4 A Promoção da dignidade Humana .....	24
4.1 Consciência .....	25
4.2 Liberdade .....	25
4.3 Responsabilidade .....	26
5 Resiliência .....	27
2 DIAGNÓSTICO DA PESQUISA SOCIAL E SUAS INTERFERÊNCIAS NA SOCIEDADE.....	32
1 Pesquisa Qualitativa: História de Vida.....	32
1.1 A subjetividade e o simbolismo .....	33
1.2 A imersão do pesquisador nas circunstâncias e contexto da pesquisa.....	33
2 A Fenomenologia enquanto instrumento de análise .....	33
3 A Etnografia .....	35
3.1 Pesquisa do tipo etnográfico: O Estudo de caso .....	36
3.2 Pesquisa Ação – enquanto processo etnográfico .....	36
3.3 Correlações entre etnografia, etnologia e antropologia por Claude Lévi-Strauss .....	37
4 Transcrição e análise das entrevistas efetuadas na comunidade, objeto da pesquisa .....	38
4.1 Entrevista 1 .....	38
4.2 Análise do conjunto de entrevistas.....	50
3 AS INTERFERÊNCIAS RESULTANTES DO ENSINO BÍBLICO NA PERFORMATIZAÇÃO DO ETHOS DA COMUNIDADE .....	54
3.1 Conceitos de ‘ethos’ .....	54

3.2 Pano de fundo como referencial para a vida da comunidade a partir da Proposta Político Pedagógica do CEEI “Artur Montanha” .....	58
3.3 Princípios Éticos e Morais relacionados ao PPP e à Instituição Assembleia de Deus	66
3.4 Correlações e implicações existentes entre O ‘Ethos’ da Comunidade, a proposta do PPP e princípios de base Ética da Assembleia de Deus.....	69
3.5 Resultados mensurados a partir da dialética comunidade, ‘ethos’, escola de educação infantil, instituição Assembleia de Deus.....	74
CONCLUSÃO.....	80
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	83

## INTRODUÇÃO

Em face às diversidades sócio-histórico-culturais e educacionais em que estão enfronhadas as comunidades mundiais, há de se questionar enquanto educador: que caminho tomar? As diversas teorias educacionais não são em si suficientes para abarcar todas as nuances e contravenções existentes dentro e fora das sociedades constituídas. Mesmo se inseridas num único país. Pensa-se educação enquanto transmissão de conhecimento ou o caminho que terá que tomar a educação como menciona o relatório da Unesco:

Dado que oferecerá meios, nunca antes disponíveis, para a circulação e armazenamento de informações e para a comunicação, o próximo século submeterá a educação a uma dura obrigação que pode parecer, à primeira vista, quase contraditória. A educação deve transmitir, de fato, de forma maciça e eficaz, cada vez mais saberes e saber-fazer evolutivos, adaptados à civilização cognitiva, pois são as bases das competências do futuro. Simultaneamente, compete-lhe encontrar e assinalar as referências que impeçam as pessoas de ficar submergidas nas ondas de informações, mais ou menos efêmeras, que invadem os espaços públicos e privados e as levem a orientar-se para projetos de desenvolvimento individuais e coletivos. À educação cabe fornecer, de algum modo, os mapas de um mundo complexo e constantemente agitado e, ao mesmo tempo, a bússola que permita navegar através dele<sup>1</sup>.

Seria este o objetivo da educação? Que caminho o educador do século XXI deve tomar? Se considerar, em primeira instância, a formação integral do indivíduo, sabendo que toda pessoa traz em sua formação o agir externo, ou seja, o ambiente de suas vivências e convivências que agirão proliferaamente na formação de seu ‘ethos quo’; portanto seria de suma importância que os espaços educacionais respeitassem as origens culturais de seus educandos.

Conhecer o histórico sócio-cultural do aprendente é fundamental para a aplicação e até mesmo para a elaboração da Proposta Pedagógica a ser trabalhada com o grupo especificado.

---

<sup>1</sup>. DELORS, Jaques. *Educação: um tesouro a descobrir*. – 4. ed. - São Paulo : Cortez : Brasília, DF : MEC: UNESCO. 2000.

É exatamente neste íterim que foi elaborada Proposta Pedagógica para escola de Educação Infantil visando o envolvimento de toda a comunidade, onde os educadores procederam pesquisa de campo para adaptação consciente dos conteúdos e projetos de inserção dentro da comunidade vigente.

Os dados da pesquisa de campo, e a pronta identificação da comunidade objeto deste estudo, estão delineadas no primeiro capítulo, junto à descrição do Projeto Político Pedagógico e a inserção da Pedagogia Social. Pois estava diante do grupo de educadores e administração eclesiástica um quadro dos mais dramáticos quanto à comunidade, onde havia em seu entorno, altíssimo nível de criminalidade e grande propensão às doenças psicoativas; seria este um ambiente saudável para pais educarem seus filhos? Todos os envolvidos na aplicação do Projeto estavam conscientes de que seria uma tarefa árdua, lembrando o catedrático Assmann que menciona: ‘hoje, educar é defender vidas’<sup>2</sup>. Pode-se verificar ao final do processo, que os ideais foram alcançados, e ainda muito além das expectativas; como seguem descrições dos resultados a partir do conteúdo deste trabalho.

Este trabalho, ainda, tem como premissa a inserção de Instituição de Educação Infantil com ênfase no Ensino Bíblico em face da transformação do ‘ethos’ da comunidade em questão.

O Capítulo I traz um breve histórico traditivo Social da Instituição como Pano de Fundo, apresentando a Proposta Pedagógica em vista à pesquisa de campo efetivada no ano anterior à implantação do Projeto. Especificando que em diversos processos educacionais foram aplicados critérios tanto da Pedagogia Social, como da educação popular, educação Social e comunitária; pois a partir de identificação das causas que colocavam aquela parcela da sociedade à margem do que é entendido como ‘socialmente viável’, foram elaboradas atividades de atendimento terapêutico e educacional a todos os que estavam inseridos neste contexto, sempre buscando promover a população à dignidade humana.

O Capítulo II trará diagnóstico da pesquisa Social e suas inferências na sociedade, principalmente nas transcrições das entrevistas com parcela da população inserida na comunidade em estudo. Dentre eles, alguns que irão contar suas Histórias de Vida, por isso trata-se de pesquisa qualitativa. As inferências ocorridas nesta parcela da sociedade podem

---

<sup>2</sup> ASSMANN, Hugo. *Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 19.

constar como fenômeno, visto que transformações sociais são prelúdios fenomenais. A etnologia e a etnografia, junto à análise de resiliência também são fatores analíticos.

E, por fim, o Capítulo III mencionará as interferências resultantes do ensino bíblico na performatização do ethos da comunidade; desenvolvido nos tópicos sobre: Conceitos de ‘ethos’; a Proposta Político Pedagógica do CEEI “Artur Montanha” enquanto pano de fundo e referencial para a vida da comunidade; Princípios éticos e morais relacionados ao PPP e à instituição Assembleia de Deus; Correlações e implicações existentes entre o ‘ethos’ da comunidade, a proposta do PPP e princípios de base ética da AD; resultados mensurados a partir da dialética comunidade, ‘ethos’, escola de educação infantil, instituição AD.

Acreditamos que todos envolvidos nesta pesquisa passaram por substancial transformação social e esperança na perspectiva de dignidade humana; e possivelmente foi absorvida por uma educação integral proporcionando o aprendizado, não apenas das crianças do CEEI “Artur Montanha”, como toda a comunidade no que se refere ao desenvolvimento em seus aspectos físico, psicológico, intelectual, social e espiritual. É o que veremos a seguir.

## **1 BREVE HISTÓRICO TRADITIVO SOCIAL DA INSTITUIÇÃO COMO PANO DE FUNDO**

### **1. A Instituição de Ensino**

Em pesquisa realizada no ano de 2004, detectou-se a realidade social do bairro Solemar, em São José-SC. A partir desta identificação, o grupo de educadores/as passou a elaborar o Projeto Político Pedagógico que promoveria, enquanto agente performativo do ‘ethos’ daquela comunidade, a transformação social através do Ensino Bíblico em uma escola de educação infantil para crianças com idade entre 0 e 6 anos.

Compreendendo a situação socioeconômica vigente no país, em que os pais, em geral, buscam recursos financeiros para sua subsistência, houve a preocupação com os pequenos que, de certa forma, precisavam de um local seguro para serem atendidos e receber educação de boa qualidade. Havia, ainda, a questão da segurança; certamente estas crianças que estavam inseridas numa comunidade onde a criminalidade prevalecia, havia grande probabilidade que seu futuro fosse sombrio seguindo as tendências do ambiente.

#### **1.1 Visão**

O CEEI “Artur Montanha” tem como visão: Consolidar-se, ampliando a sua significação institucional, na perspectiva de um centro de excelência da educação humana dentro do Município de São José – SC - visando alcançar todos os bairros, formando, assim, um Centro em Núcleos.

#### **1.2 Missão**

E, em sua Missão, tem como objetivo primeiro: Promover Educação através de processos modernos, valorizando o indivíduo e objetivando a sua plena realização em harmonia com a sociedade, a natureza, os valores éticos, morais e religiosos.

### 1.3 Propósito

E, em seu propósito, tem a seguinte declaração: Faz parte do ser humano a busca pela melhoria das condições de vida. Foi a partir desta realidade que, procurou-se elaborar um projeto, no intuito de, desde a tenra idade, desenvolver no aprendente a consciência cristã, trazendo o conhecimento a respeito de Deus e sua Soberania. Proporcionar à criança um ambiente saudável em todos os aspectos seja, físico, intelectual, espiritual. Compreendendo assim que, desenvolvido o caráter cristão na criança, ter-se-á gerações mais comprometidas com Deus, com a sociedade, com a família e consigo mesma.

### 1.4 Princípios Norteadores

Os princípios norteadores da Instituição de Ensino propagam:

#### 1.4.1 *Educação como testemunho, denúncia, anúncio e diaconia*

- Educação apoiada no diálogo como método, na autocrítica como modelo de ação comprometida, na inovação como forma e na honestidade como norma.
- Interação entre comunidade escolar e eclesial.
- Comprometimento com os pais, com a educação que prioriza a vida.
- Envolvimento da sociedade nos projetos escolares.
- Criticidade frente aos processos de globalização.
- Estímulo à pesquisa sem idolatria à Ciência.
- Inclusão do calendário litúrgico no planejamento anual.

#### 1.4.2 *Somente Jesus Cristo pela Escritura, pela Fé e pela Graça*

- Reflexão contextualizada da Bíblia
- Amor a Deus, ao próximo e a si mesmo
- Incentivo aos dons nas vocações e profissões
- Promoção da espiritualidade para a plenificação da vida
- Vivências de paz, esperança, justiça e amor para uma sensibilidade solidária.

#### 1.4.3 *Consciência de qualidade de vida no contexto da criação*

- Valorização do Ser sobre o Ter
- Caracterização do homem como sujeito biológico, psicológico, social e transcendente enquanto digno, livre, finito, histórico e inconcluso, simultaneamente, justo e pecador.
- Educação para a saúde enfatizando o diálogo sobre as dependências químicas e os desvios sociais.
- Incentivo das artes, principalmente, a música; e dos esportes na formação integral do ser humano.

#### 1.4.4 *Formação de Lideranças:*

*O Centro Evangélico de educação Infantil enquanto fomentador de lideranças (mestres, Evangelistas, profetas, e autoridades comprometidas com a vida) busca:*

- Formação de alunos/as, professores/as e funcionários/as com vistas à atuação na sociedade, como agentes de transformação
- Convívio com as diferenças étnicas, sociais, culturais e religiosas.
- Maior inserção no contexto da cultura regional brasileira.
- Diálogo inter-religioso tendo como referencial a confessionalidade da Igreja Assembléia de Deus.
- Testemunho da ética como ação e postura libertadora, solidária e justa.

O CEEI “Artur Montanha”, pretende desenvolver no aprendente, em cada momento do ensino-aprendizagem, a realização pessoal frente aos diversos desafios que se lhes apresentar no convívio intra e extra-classe.

Conforme LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) Lei nº 9394/96 seguem alguns objetivos da educação:

#### Título II – Dos princípios e Fins da Educação Nacional

Art. 2º - A educação, dever da família e do Estado inspirada nos princípios da liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 29 – A Educação Infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até cinco anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

### **1.5 Objetivos específicos:**

Seguem, ainda, alguns objetivos específicos do CEEI “Artur Montanha”, para a Educação Infantil:

- Promover o desenvolvimento do caráter cristão na criança;
- Desenvolver uma imagem de si, atuando cada vez mais independente, com confiança de suas capacidades e percepção de suas limitações;
- Estabelecer vínculos afetivos e de troca com adultos, crianças e adolescentes fortalecendo sua auto-estima e ampliando gradativamente suas possibilidades de comunicação e interação social;
- Estabelecer e ampliar cada vez mais as relações sociais, aprendendo aos poucos a articular seus interesses e pontos de vista com os demais, respeitando a diversidade e desenvolvendo atitudes de ajuda e cooperação;
- Observar e explorar o ambiente com atitude de curiosidade percebendo-se cada vez mais como integrante, dependente e agente transformador do meio ambiente e valorizando atitudes que contribuam para sua conservação;
- Brincar e participar em atividades lúdicas expressando emoções, sentimentos, pensamentos, desejos e necessidades;
- Conhecer algumas manifestações culturais, demonstrando atitudes de interesse, respeito e participação frente a elas e valorizando a diversidade;
- Estimular o desenvolvimento da criatividade, da solidariedade, da sensibilidade, da ética, da estética em situações e com materiais variados.

O CEEI idealiza a educação como interlocução de saberes e um ensino-aprendizagem compatível e atento aos nossos dias. Diante disso, torna-se necessário superar o estágio de informação e a mera pretensão de formação, para configurarem-se em espaço-tempo de possíveis interações entre sujeitos singulares, indivíduos atentos a sua historicidade e ao seu momento.

Como encaminhamento desse ideal, a possibilidade que se propõe é encarar a necessidade de pensar uma Instituição de Ensino como um ambiente de formação continuada de seus colaboradores e instrutores, sendo a inter-relação entre ensino-pesquisa como base de constituição dos fundamentos pedagógicos.

Nesse ambiente, assim pensando, a linguagem e o diálogo são os elementos indispensáveis, possibilitando aprendizagens e produção de saberes diferenciados. Saberes que se tornam possíveis se produzidos sob tênue perspectiva do provisório, mas sob a certeza de que o conhecimento já não é informação, pois, informações são encontradas mais facilmente e eficientemente através de outras linguagens ou sob forma de outras tecnologias.

Também nessa proposição, a ação do/a professor/a ou orientador/a é fundamental. Com certeza, não será mais ele ou ela o elemento catalisador das ações. Isto demanda que o/a professor/a e orientador/a se percebam como sujeitos que, em conjunto com outros sujeitos, produzem verdades, sentidos, ideias e as encaminham através da pesquisa.

A Pesquisa é, portanto, uma atitude nova. Uma viagem que se empreende pelo conhecimento. Busca-se entender a pesquisa como uma forma de encarar o conhecimento e de encaminhar a produção de conhecimento em sala de aula. Para tanto, as condições de diálogo e a democratização das relações no espaço-tempo da aula são imprescindíveis.

É nesse processo de interdisciplinaridade que se buscou a colaboração mútua entre Teologia e Educação, na incumbência de facilitador proponente da reestruturação sócio-educativa de famílias residentes em áreas de altíssimo risco de morte e elevados índices para doenças psicoativas. Tendo como foco a criança e como agente performativo, reitera-se o Ensino Bíblico com todas as nuances educativas exigidas para cada faixa etária.

Faz-se necessário esclarecer que a Proposta Pedagógica não tem a intenção de ser estática e fechada. Pelo contrário, ser dinâmica e aberta, portanto, em constante reformulação com base nos sujeitos, nos avanços educacionais, científicos, culturais, tecnológicos e no próprio contexto sócio-político-econômico. Como também é extensiva a toda comunidade local.

Toma-se como critério de inserção e avaliação das atividades em vista dos resultados: a concepção epistemológica construtivista-interacionista, para o desenvolvimento cognitivo do aprendente; a Pedagogia Social, a resiliência e a performatização do 'ethos' da

comunidade através do Ensino Bíblico aplicado no currículo escolar, promovendo, assim, o diálogo inter-religioso entre Instituição de ensino, famílias, comunidade e aconselhamento pastoral.

## **2 Agentes diretos como promotores do processo ensino-aprendizagem**

O ensino-aprendizagem acontece num processo de inter-relações entre os diversos agentes que poderão proporcionar o desenvolvimento do educando através de alternativas pertinentes à produção de novas valorações, mediações pedagógicas que auxiliam na aprendizagem. Os agentes diretos, objeto desta pesquisa terão breve descrição a seguir.

### **2.1 “A Pedagogia Social em perspectiva na Educação Infantil”**

#### 2.1.1 Breve histórico da Pedagogia Social:

A Pedagogia Social tem seu berço na Alemanha, que no ano de 1949, promoveu um encontro internacional organizado para definir como seriam educados os órfãos de guerra; crianças e adolescentes que eram denominados ‘inadaptados’. Outros encontros aconteceram entre os anos de 1949 a 1951, envolvendo a Alemanha, França, Finlândia; todos os países baixos e o primeiro da América do Sul: Uruguai, onde está sediada a Asociación Mundial de Educadores Sociales (AIEJI). Muitos têm sido os empreendimentos de educadores/as na busca da implementação deste projeto de socialização de crianças e adolescentes em situação de risco ou vulnerabilidade.

No Brasil, a discussão sobre Pedagogia Social foi tardia, somente no ano de 1996 com a Reforma da Educação é que acontecem os primeiros preâmbulos para uma regulamentação favorável à formação do educador social; e, apenas em 2006, com a Resolução CNE/CP nº. 1, regulamentada no Estado de São Paulo pelo Conselho Estadual de Educação pela Deliberação CEE/SP 60/2006, é que se conseguiu preestabelecer normas para a criação de cursos de graduação em Pedagogia e adequar os cursos normais superiores e os cursos de Pedagogia existentes, às novas diretrizes curriculares nacionais.

A Pedagogia Social tem como grande inspirador o catedrático, Freire, que apesar de não ter feito uso do termo, o expressou em suas obras, escritas de 1966 a 1996.

Em síntese, Pedagogia Social é:

[...] um conjunto de saberes, sejam teóricos, técnicos, experienciais [...] descritivos ou normativos [...], mas saberes que tratam de um objeto determinado. Este objeto é o que chamamos educação social. A educação social pertence, portanto, à ordem das práticas, processos, fenômenos [...]; quer dizer, à ordem da “realidade educativa”.<sup>3</sup>

A partir da descrição acima se vê que há uma relação estreita entre a performatização do ‘ethos’ da comunidade e a Pedagogia Social que visa enumerar as práticas, processos e fenômenos que envolvem os saberes que promoverão a educação.

### 2.1.2 Intervenções da Pedagogia Social na performatização do ‘ethos’ da Comunidade

Para entender as intervenções da Pedagogia Social na formação da ética da comunidade em questão, faz-se necessário, ainda, uma breve definição dos tipos de Educação existentes na linha da Pedagogia Social, conforme Hurtado:

A Educação Popular é uma proposta teórico-prática que se constrói desde sua própria práxis, para tanto, é mais que uma definição, sendo possível desenvolver vários elementos de sua concepção que tem como referência justamente a prática social, expressando uma ação voluntária em determinado contexto. Essa reformulação conceitual é dinâmica e dialética e incorpora elementos da realidade vigente, do contexto global e de cada contexto em particular.<sup>4</sup>

## 2.2 A Educação Popular

A Educação Popular possui aspectos de caráter ético, pois expressa um posicionamento político-social visando à transformação social; e para isto, serve-se de proposta metodológica e pedagógica, proporcionando aos educadores/as resultados concretos sejam materiais ou espirituais, ou de construção da cidadania; promovendo na pessoa participante do processo, consciência crítica.

A Educação Popular desponta como resposta contrária à educação formal que no Brasil, ainda, acontece de forma vertical, em que o professor é o detentor do conhecimento e o educando é o depósito do saber. O que torna o ser humano, simplesmente, na ‘peça da máquina’ e seu poder criativo é exterminado ou sufocado.

---

<sup>3</sup> ROMANS, Mercè; PETRUS, Antoni; TRILLA, Jaume. *Profissão: educador social*. Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2003.

<sup>4</sup> NÚÑEZ HURTADO, C. *Reflexiones sobre la educación popular ante el signo XXI em Contexto cultural y socioeducativo de la educación social*. Sevilla: Universidad de Sevilla, 1998.

La educación popular es una propuesta teórico-práctica que se construye desde su propia práxis, y que por lo tanto, más que una definición, lo que es posible es abundar em elementos de su Conceptualización, que al tener como referencia justamente la <práctica social>, expresa una voluntad de acción em determinado contexto. Dicha reformulación conceptual es dinámica y es dialéctica e incorpora elementos de la realidad cambiante, del contexto global y de cada contexto particular. (tradução própria).

Mas em contrapartida surge a já mencionada, Educação Popular, que vem reivindicar as características culturais que determinam as formas de comportamentos e suas reais manifestações, e mais precisamente, vem resgatar a realidade histórica da experiência de cada indivíduo.

Enquanto a educação formal traz uma cultura letrada, marcadamente elitista, com literatura elaborada em uma linguagem elevada, simbólica, especializada, interpretando a produção européia e dela assimilando o modo de pensar do velho continente, a educação informal promove a cultura popular, eminentemente do povo, que expressa espontaneamente o seu cotidiano, a sua luta para superar a inferioridade econômica, política e social, sem os artifícios das elites poderosas.

### **2.3 A Educação Social**

O CEEI “Artur Montanha” buscou implantar no contexto sócio-educativo-cultural dos alunos e de toda a comunidade a Educação Social que pode ser descrita, segundo Santiago:

A Educação aparece na sociedade humana com a função social de evitar a contradição existente entre os interesses pessoais e os sociais. Uma das tarefas da Educação tem sido a de mostrar que os interesses individuais só se podem realizar plenamente por meio dos interesses sociais, ou seja, a Educação, ao socializar o indivíduo, mostra que, sozinho, o ser humano não sobrevive.<sup>5</sup>

A Educação Social prima pela formação integral do indivíduo, envolvendo o crescimento pessoal, a consciência da cidadania e a possibilidade de sua inserção na sociedade. E esta mesma educação não-formal ou informal passa a tomar corpo frente à derrocada em que se encontra a educação formal brasileira, a Educação Popular e a Educação Comunitária, modelos de educação não-formal começam a despontar como alternativa de transformação e de atuação para parte da sociedade, principalmente aquela parcela discriminada e excluída das decisões do poder, da política e da economia.

### **2.4 A Educação Comunitária**

A Educação Comunitária vem com posição pedagógica libertadora, desenvolve seu trabalho por meio da educação não-formal.

E pode ser pensada como bem descreve, Trilla:

---

<sup>5</sup> SANTIAGO, G.L. *As Utopias Latino Americanas: em busca de uma Educação libertadora*. Campinas: Alínea, 1988.

A Educação não-formal costuma ser mais hábil, flexível, versátil e dinâmica que a formal. Nasce como uma contribuição ao atendimento daqueles que se encontram excluídos de qualquer proteção necessária para seu desenvolvimento. Não é uma solução, mas uma complementação às demais formas de Educação.<sup>6</sup>

A educação não-formal, como menciona Garcia<sup>7</sup>, é compreendida como um campo, não em oposição à educação formal, mas complementar à crise da educação escolar. Quando observamos sua trajetória prática, constatamos que ela deriva e transita por várias e diferentes áreas do conhecimento. No aprofundamento desta área, nos deparamos com diversas ciências que colaboram na construção desse conhecimento e que buscam por uma proposta de mudança social. Aqui, podemos citar a Sociologia, a Psicologia e o Direito, entre outros.

No entanto, a educação não-formal é muito abrangente, compreendida como um segmento do campo educacional, mas com características e propriedades que lhe são particulares. Pode-se salientar que essa especificidade da Educação considera as relações educacionais como eixo e mediadoras das propostas de mudança social como área de conhecimento.

Além do bem-estar que as atividades da educação não-formal proporcionam aos seus educandos, têm como objetivo chegar a toda a família, além de contribuir para a formação do indivíduo e oferecer condições de se inserir no mercado de trabalho. A educação não-formal forma o indivíduo para a vida, retirando-o das ruas, das drogas, dos furtos e roubos e do próprio ócio e, ainda, resgata a auto-estima, munindo-o de condições para desenvolver sentimentos de auto-valorização.

O que ocorre na educação não-formal, normalmente vem embasado no que se chama Educação social, que por referência é conteúdo e objeto da Pedagogia Social. Entende-se aqui a Educação Social como o processo das relações proporcionado na estrutura da Educação não-formal. Justamente, este ambiente de relações educativas a diferencia da atual estrutura da Educação Formal.

Concluindo, pode-se entender o Processo Político Pedagógico exercido pelo CEEI “Artur Montanha”, no Bairro Solemar- São José-SC, como tendo aplicado a Pedagogia Social em suas diversidades, apesar da Proposta Pedagógica ser composta de atividades curriculares formais para a Educação Infantil; o trabalho exercido pelos agentes educadores e direção da

---

<sup>6</sup> TRILLA, J., *La educación fuera de la escuela: ámbitos no formales y educación social*. Barcelona: Ariel, 1993.

<sup>7</sup> GARCIA, HIDOBRO, J.E., *La educación popular*. In: LAPATÍ, P 7 CASTILLO, (Orgs.). *Lecturas sobre la educación de adultos en América Latina*. México, DF: Crefal, 1985.

Instituição, acabou por oferecer a toda a comunidade educação não-formal. Pois estes mesmos personagens responsáveis pela educação formal, também dispensaram tempo e espaço, a fim de oferecer a toda a comunidade benefícios e orientações pedagógicas, como: orientação para o mercado do trabalho, resgate de pessoas em situação de doenças psicoativas; mostrando-lhes o caminho para uma oportunidade de exercer a cidadania e resgatar a auto-estima.

### **3 As Interferências dos Agentes Educadores/as sobre a Comunidade**

O catedrático Assmann menciona que: “Hoje, educar significa defender vidas”<sup>8</sup>. Esta foi a principal intencionalidade preponderante do Projeto do “CEEI Artur Montanha”. Numa comunidade onde não havia muito que se esperar dos indivíduos que de lá provinham, sendo que o ambiente agia proliferamente em seu ‘ethos quo’, formulando e formatando seu caráter enquanto excluído e à margem da sociedade.

A questão teológica tornou-se principal meio de transformação e formação do caráter destes pequenos seres humanos e, por conseguinte de suas famílias, o que será demonstrado no capítulo seguinte através de Histórias de vida que serão analisadas em pesquisa de campo pela interpretação fenomenológica dos fatos. Vale ressaltar, que foi criado ambiente pedagógico que favoreceu a interdisciplinaridade que buscou o direcionamento dos processos cognitivos. E, ainda, o desenvolvimento do aprendizado aconteceu dentro do construtivismo (Piaget) em que o processo de aprendizagem está pautado nas inter-relações entre sujeito e objeto, enquanto o interacionismo (Vygotsky) preconiza o aprendizado entre sujeito e sujeito, visando despertar a autonomia moral da criança. Araujo descreve bem a importância da visão construtivista-interacionista, em suas experiências em salas de aula quando menciona que:

Uma das classes era construtivista ... a professora construiu na classe um “ambiente cooperativo”, em que as crianças tinham liberdade para decidir, trabalhavam com atividades diversificadas e em pequenos grupos, planejavam e avaliavam o dia de trabalho, tinham seus interesses respeitados, numa atmosfera livre de pressão e coerção. Nessa classe as regras eram combinadas por todos, a interação social era valorizada, e quando necessário, a professora empregava apenas as sanções por reciprocidade, não se valendo de recompensas ou punições.<sup>9</sup>

Dentro desse ambiente de interação, Assmann afirma que: “A escola e o agir pedagógico têm uma função social específica na medida em que existem, precisa e especificamente, para criar as oportunidades básicas para a morfogênese do conhecimento”.<sup>10</sup>

---

<sup>8</sup> ASSMANN, Hugo. *Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

<sup>9</sup> ARAUJO, Ulisses F. “O ambiente escolar e o desenvolvimento do juízo moral infantil”, in: Lino de Macedo (org.). *Cinco estudos de educação moral*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1996.

<sup>10</sup> ASSMANN, Hugo. *Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

É exatamente a partir desse princípio científico pedagógico que as experiências vivenciadas pela comunidade, em especial, as crianças que freqüentaram o CEEI ‘Artur Montanha’, pretenderam pleitear um aprendizado profícuo de transformação sócio-cultural, educacional evolutivo e, incondicionalmente, o tratado de inserção de indivíduos não somente participantes da sociedade, bem como agentes performativos da mesma.

Neste ponto, poder-se-ia tecer vários comentários que embasariam a questão do ‘Ser Mais’ de Paulo Freire<sup>11</sup>, e que tanto foi mencionado no texto: ‘a formatação ou transformação do ethos’ de uma comunidade’.

A educação pode ser pensada ainda como estética, ou seja ‘aisthesis’ (*grego*), significando ‘sensação, sensibilidade, percepção pelos sentidos ou conhecimento sensível-sensorial’. Ainda segundo Hermann:

A autoconstrução do sujeito moral defendida pelas éticas estetizadas significa, então, abandonar os fundamentos para substituí-los pela experiência, já que nenhuma orientação normativa ou substância do sujeito sustenta o *ethos*, a não ser seu próprio acontecimento histórico.<sup>12</sup>

Assim sendo, pode-se verificar que educação e ação solidária são partícipes de um mesmo aprendizado processual. Todo sujeito tem sua formação histórica, é ela que vai definir o ‘ethos’. São as convivências e experiências vivenciadas que permitirão ao aprendente sua incondicional situação ético-estética em que, o eu singular e o nós ‘ethos’ comum, se fundem.

#### **4 A Promoção da dignidade Humana**

O espaço de intervenção social proposto pelo grupo de educadores tratava-se de um ambiente todo articulado por influências de alto nível de criminalidade e drogadição; em que a comunidade, em geral, encontrava-se marginalizada e desprovida de quaisquer indícios de transformação social sem ao menos ter perspectiva em face da dignidade humana.

---

<sup>11</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: sabers necessaries à prática educativa*. 31 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

<sup>12</sup> HERMANN, Nadja. Este artigo faz parte da pesquisa “*Elementos para uma educação ético-estética II: autocriação e horizonte comum*”, financiada pelo CNPq. Acesso ao periódico pelo site: [www.scielo.com.br](http://www.scielo.com.br) em 20/01/2009.

Poder-se-ia destacar neste ponto, a tríplice teoria da dignidade humana de Guareschi<sup>13</sup>: a consciência, a liberdade, e a responsabilidade; três pontos fundamentais envolvidos na performatização do ‘ethos’ dessa comunidade, descritos a seguir:

#### **4.1 Consciência**

Para Guareschi, a consciência remonta ao clássico questionamento dos filósofos; “quem sou?”; “de onde vim?”; “para onde vou?”. Ou, ainda, o cerne da filosofia: “Conhece-te a ti mesmo”. O autor menciona que, ‘nós somos, até certo ponto, o que fizeram de nós’. A constatação que pode ser feita a partir desta afirmativa, é que somos o que nossa família, amigos, escola, igreja, e comunidade, entre outros, fizeram de nós. Será que somos só isto? Segundo o autor, não; pois, ‘a consciência é a resposta que conseguimos dar às perguntas: Quem sou eu? Que são as coisas que me rodeiam? A consciência seria o quanto de resposta conseguimos dar a essas perguntas; ... é um processo infinito, de busca e de consecução de respostas.’ Portanto, todo aquele que não pergunta, não questiona, não tem consciência.

Dentro da Proposta Pedagógica do CEEI Artur Montanha há a evidência intencional da conscientização da comunidade, de que eles precisavam buscar respostas para seu contexto sócio-econômico-cultural, e principalmente, educacional. E quais os resultados desse processo? A consciência para a liberdade.

#### **4.2 Liberdade**

Se a consciência promove a pessoa à liberdade; logo, percebe-se que são ações que interagem entre si na promoção da construção do cidadão sócio-crítico.

Guareschi, menciona que:

Muitos afirmam (e eu também me dou conta e encontro razões para isso ser assim) que é a consciência que leva à liberdade. .... que só é livre quem tem consciência. Através do processo de descoberta, investigação, reflexão, meditação, contemplação, vamos identificando a razão de nós sermos o que somos e de por que as coisas que nos rodeiam são do modo que são. Esse seria o caminhar para a liberdade, processo também infinito. Claro que nem sempre o simples fato de eu descobrir por que as coisas são assim automaticamente me liberta; eu posso tomar consciência de minhas limitações, condicionamentos, amarras, cadeias, de todo e qualquer tipo. Então, a consciência não leva automaticamente à total liberdade: eu posso ter consciência de minha escravidão. Mas o inverso pode ser afirmado; só é livre quem tem

---

<sup>13</sup> GUARESCHI, Pedrinho, *Psicologia social crítica: como prática e libertação* / Pedrinho Guareschi. – 4. ed. Ver. Ampl. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

consciência; a consciência é um pressuposto indispensável para que alguém possa ser considerado livre.<sup>14</sup>

A análise de Guareschi procede, visto que, a história da humanidade de tempos em tempos sofre inserções estruturais a fim da busca do bem-estar do ser humano. Por vezes, essas tentativas têm sido frustradas, pensa-se o ser humano num mundo globalizado com valorização do *ter* em detrimento do *ser*. As relações humanas tornam-se incongruentes e complexas, apoderando-se da sociedade processos de baixo-estima convencendo ou estigmatizando uma fatia expressiva da humanidade em ‘os excluídos’, porque a organização estrutural globalizada formata e rotula como pessoa e pessoa humana.

A Educação liberta o indivíduo destes estigmatismos sociológicos. Assim sendo, é na busca pela formatação do ‘ethos’ de comunidades de alto risco de morte, onde impera a drogadição, o tráfico de entorpecentes, a criminalidade em geral que se procurou inseri-lo na sociedade como sujeito participante da mesma, co-autor da história de sua cidade, Estado, País, Comunidade global. Exercendo sua liberdade, porém com responsabilidade. Este será o próximo ponto a ser descrito.

### **4.3 Responsabilidade**

A pessoa consciente, que sabe reivindicar sua liberdade deve exercê-la com responsabilidade, e no que consiste esta responsabilidade?

Em se tratando dos personagens desta pesquisa, tem-se um referencial totalmente negativo, quanto ao formato da comunidade que pode ser descrita como; de alto nível de criminalidade, drogadição, gravidez precoce, crianças em situação de vulnerabilidade. Dentro deste contexto, hipoteticamente, o educador/a vislumbra o processo de conscientização para a liberdade; e a liberdade para a responsabilidade.

A responsabilidade existe de duas formas: interna e externa. Guareschi dá exemplo destas duas formas de responsabilidade, como segue:

Tomemos a obediência às leis de trânsito. Eu posso seguir tais leis por dois motivos básicos: o primeiro, porque se não seguir as leis, serei castigado, multado; a razão de eu obedecer vem de fora, da pressão, da coação, da imposição feita pelos outros; obedecer forçado pela lei, ou pelas convenções sociais. O outro motivo de eu obedecer é que estou consciente, internamente, de que seguir as orientações fará com que, tanto eu como os outros, tenhamos mais segurança e corramos menos risco de sofrer problemas de vida e saúde.... No primeiro modelo, se insiste que é preciso

---

<sup>14</sup> GUARESCHI, 2009. p. 19

seguir as leis, caso contrário haverá punição. No segundo modelo, é bem diverso, é uma prática em que a responsabilidade é pensada a partir da consciência, que leva à liberdade e que faz nascer daí a responsabilidade: tal responsabilidade parte de dentro, de convicções que se baseiam na compreensão do problema, que faz as pessoas tomarem consciência dos perigos a que estarão sujeitas e que as liberta de incompreensões, condicionamentos, etc.<sup>15</sup>

Vimos que o exemplo do autor é bastante ameno se comparado ao contexto social das pessoas que participaram da pesquisa. Tomando parte da comunidade como ponto de referência, surge o questionamento da perspectiva sócio-educativa dessa parcela da sociedade em relação a seus filhos. Estariam eles exercendo a responsabilidade que lhes foi delegada por Deus, em relação ao comprometimento dos mesmos com a educação que prioriza a vida? Isto só será fato a partir do momento em que os pais experienciarem a tríplice teoria de Guareschi: a conscientização para a liberdade; e liberdade com responsabilidade.

Pode-se dizer que o tripé da dignidade humana sugerida por Guareschi é deflagrada pelo sofrimento, a falta, a escassez, as lacunas e as limitações presentes na vida que nos obrigam a parar e pensar.

Vale ressaltar que Freire também fez afirmações sobre a consciência para a liberdade e responsabilidade. Diz ele:

...a nossa atividade de agentes sociais que se guiam por uma prática libertadora, devemos ter o cuidado de evitar três tentações. A primeira seria a do autoritarismo, prática de quem se julga sabedor da verdade procurando impô-la sobre os outros; a segunda seria a do basismo, atitude dos que pensam ser o povo, a base, os únicos portadores da verdade; e a terceira seria a do espontaneísmo, prática dos que afirmam que não se deve interferir nos processos sociais; a única atitude seria aguardar, esperar o momento oportuno, automático'.<sup>16</sup>

Segundo Freire todos os três processos trazem problemas e não levam a uma consciência que liberta. Para ele, a prática verdadeiramente libertadora consiste em *fazer a pergunta que liberta*; a dialética com a comunidade ou grupo, provavelmente, promoverá o questionamento à razão e a busca pela resposta que mobilizará a comunidade a agir e assim com a provocação partir às mudanças necessárias.

## 5 Resiliência

A psicologia tomou essa imagem emprestada da física, definindo **resiliência** como a capacidade do indivíduo lidar com problemas, superar obstáculos ou resistir à pressão de situações adversas - choque, estresse, etc. - sem entrar em surto psicológico. No entanto, Job

---

<sup>15</sup> GUARESCHI, 2009. p. 22.

<sup>16</sup> FREIRE, Paulo. *Educação como Prática da Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

<sup>17</sup> que estudou a resiliência em organizações argumenta que a resiliência se trata de uma tomada de decisão quando alguém se depara com um contexto de tomada de decisão entre a tensão do ambiente e a vontade de vencer.

Tais conquistas, face a essas decisões, propiciam forças na pessoa para enfrentar a adversidade. Assim entendido, pode-se considerar que a resiliência é uma combinação de fatores que propiciam ao ser humano condições para enfrentar e superar problemas e adversidades.

Já o pesquisador Barbosa entende a resiliência como um amálgama de sete fatores: Administração das Emoções, Controle dos Impulsos, Empatia, Otimismo, Análise Causal, Auto Eficácia e Alcance de Pessoas<sup>18</sup>.

- Refere ao fator Administração das Emoções e à habilidade de se manter sereno diante de uma situação de estresse. Ressalta que pessoas resilientes quanto a esse fator são capazes de utilizar as pistas que lêem nas outras pessoas para reorientar o comportamento, promovendo a auto regulação. Segundo esse autor, quando esta habilidade é rudimentar as pessoas encontram dificuldades em cultivar vínculos, e, com frequência desgastam no âmbito emocional aqueles com quem convive em família ou no trabalho.
- Um segundo fator é o Controle de Impulsos, que se refere à capacidade de regular a intensidade de seus impulsos no sistema muscular (nervos e músculos). É a aprendizagem de não se levar impulsivamente para a experiência de uma emoção. O autor explicita que as pessoas podem exercer um controle frouxo ou rígido do seu sistema muscular, sendo que esses sistemas estão vinculados à regulação da intensidade das emoções. Dessa forma, a pessoa poderá viver uma emoção de forma exacerbada ou inibida. O Controle de Impulso garante a auto-regulação dessas emoções, ou a possibilidade de dar a devida força à vivência de emoções.
- Um terceiro fator é o Otimismo. Nesse fator ocorre a crença de que as coisas podem mudar para melhor. Há um investimento contínuo de esperança e, por isso mesmo, a

---

<sup>17</sup> JOB, F. P.P. *Os sentidos do trabalho e a importância da resiliência nas organizações*. Tese (Doutorado em Administração de Empresas). São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 2003. p. 137-58.

<sup>18</sup> BARBOSA, George. S. *Resiliência em professores do ensino fundamental de 5ª a 8ª Série: Validação e aplicação do questionário do índice de Resiliência: Adultos Reivich-Shatté/Barbosa*. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica). São Paulo: Pontifca Universidade Católica, 2006.

convicção da capacidade de controlar o destino da vida, mesmo quando o poder de decisão esteja fora das mãos.

- Um outro fator é a Análise do Ambiente. O autor menciona que se trata da capacidade de identificar precisamente as causas dos problemas e das adversidades presentes no ambiente. Essa possibilidade habilita a pessoa a se colocar em um lugar mais seguro, ao invés de se posicionar em situação de risco.
- A Empatia é o quinto fator que constitui a Resiliência, significando a capacidade que o ser humano tem de compreender os estados psicológicos dos outros (emoções e sentimentos). O autor descreve que é uma capacidade de decodificar a comunicação não verbal e organizar atitudes a partir desta leitura.
- Auto Eficácia, é o sexto fator que se refere à convicção de ser eficaz nas ações proposta. Argumenta que a pessoa acredita ser capaz de resolver seus próprios problemas por meio dos recursos que encontra em si mesmo e no ambiente.
- O sétimo e último fator constituinte da Resiliência é Alcançar Pessoas. É a capacidade que a pessoa tem de se vincular a outras pessoas, sem receios e medo do fracasso. O autor reforça que é a capacidade de se conectar a outras pessoas com a finalidade de viabilizar a formação de fortes redes de apoio.

Barbosa defende que tais fatores quando agrupados propiciam a superação da adversidade relacionada ao sentido da vida, no próprio resiliente e no seu próximo e é essa aglutinação que possibilita o produto da maturidade emocional.

Retomando a proposta pedagógica do CEEI “Artur Montanha” que encontra-se em pauta, em termos de socialização plena da comunidade do Jardim Solemar, pode-se destacar pelo menos três pontos dos acima descritos que foram cruciais para que a proposta pedagógica fosse viabilizada, vejamos:

- a) Otimismo. O autor menciona que ‘nesse fator ocorre na resiliência a crença de que as coisas podem mudar para melhor. Há um investimento contínuo de esperança e, por isso mesmo, a convicção da capacidade de controlar o destino da vida, mesmo quando o poder de decisão esteja fora das mãos’; esperança é uma das palavras chaves dentro de uma comunidade sem perspectiva de bem-estar sócio-educacional, a partir da descoberta de seu ‘status quo’ de marginalidade e exclusão os membros dessa comunidade passam então a pensar em dar novo destino às suas vidas, sabendo que isso está fora do alcance das mãos, mas que

com a ajuda da Instituição eclesiástica, o CEEI “Artur Montanha” e acima de tudo do próprio Deus, pode-se pensar, com otimismo um futuro melhor para as crianças, adolescentes, jovens e até mesmo adultos da referida comunidade.

- b) A Análise do Ambiente. O autor menciona que se trata da capacidade de identificar precisamente as causas dos problemas e das adversidades presente no ambiente. Essa possibilidade habilita a pessoa a se colocar em um lugar mais seguro, ao invés de se posicionar em situação de risco.
- c) A Empatia é o quinto fator que constitui a Resiliência, significando a capacidade que o ser humano tem de compreender os estados psicológicos dos outros (emoções e sentimentos). Barbosa descreve que é uma capacidade de decodificar a comunicação não verbal e organizar atitudes a partir desta leitura. A empatia de um lado educadores, administração eclesial e de outro comunidade não foi de pronto recíproca; foi necessário longo caminho de conquista e aconselhamento para que houvesse, então, a reciprocidade. A partir do momento que aconteceu a interação plena entre as duas partes começaram também a aparecer os resultados de transformação social; isto porque os educadores souberam compreender a situação caótica dos membros daquela comunidade.
- d) Auto Eficácia, é o sexto fator que se refere à convicção de ser eficaz nas ações proposta. O autor argumenta que é a crença que alguém tem de que resolverá seus próprios problemas por meio dos recursos que encontra em si mesmo e no ambiente. A Instituição Eclesiástica Assembleia de Deus e o CEEI “Artur Montanha” estavam convictos de que, certamente, alcançariam seus objetivos; não confiando em si próprios, mas no Deus que tem poder de transformar toda e qualquer situação. Já as pessoas, personagens desta pesquisa, passaram a ter uma auto-estima elevada e a acreditar em sua força de vontade para vencer os obstáculos existentes, e também depositaram sua confiança em Deus.
- e) Alcançar Pessoas. É a capacidade que a pessoa tem de se vincular a outras pessoas, sem receios e medo do fracasso. O autor reforça que é a capacidade de se conectar a outras pessoas com a finalidade de viabilizar a formação de fortes redes de apoio. O principal objetivo da proposta pedagógica do CEEI “Artur Montanha” estava em alcançar aquelas pessoas e poder direcioná-las como

participantes da sociedade. E, assim, formou uma forte rede de apoio entre Instituição eclesiástica, o CEEI “Artur Montanha” e a comunidade.

Ao analisar este contexto, parece-nos que a Proposta Pedagógica do CEEI foi concluída com bons resultados; alcançando, inclusive realizações que superaram as expectativas do grupo que elaborou o Projeto. O delineamento da Pesquisa será analisado no próximo capítulo, em análises das histórias de vida contadas pelos moradores/personagens da comunidade em questão sob a ótica da fenomenologia e da etnografia.

## **2 DIAGNÓSTICO DA PESQUISA SOCIAL E SUAS INTERFERÊNCIAS NA SOCIEDADE**

A partir desse momento passar-se-á a discorrer as interferências do Ensino Bíblico enquanto agente performativo da Sociedade, especificamente a comunidade do Jardim Solemar – São José/SC – dentro do contexto da Escola de Educação Infantil.

A metodologia aplicada do ensino bíblico nos espaços educativos do CEEI passou do lúdico demonstrando o Reino de Deus, da parábola ao brinquedo entre as analogias e semelhanças; embasando o papel do educador enquanto interlocutor do processo ensino-aprendizagem.

As interferências existentes entre o ambiente escolar, a família e/ou a comunidade tendo como principal interlocutor o aluno e o Ensino Bíblico como agente que embasa e promove a formatação do ‘ethos’ desta comunidade. A seguir serão apresentados métodos utilizados para análise do fenômeno apresentado:

### **1 Pesquisa Qualitativa: História de Vida**

O meio de diagnóstico e análise dos fenômenos serão evidenciados através de pesquisa qualitativa, mais especificamente, a História de Vida com a descrição de entrevistas com os personagens/agentes da vigente pesquisa.

A História de Vida, enquanto pesquisa qualitativa é importantíssima como instrumento dos estudos interpretativos, sendo ela, uma das ferramentas mais valiosas quando se trata de analisar a intersecção entre a vida individual e o contexto social.

A investigação qualitativa trabalha com valores, crenças, hábitos, atitudes, representações, opiniões e adequa-se a aprofundar a complexidade de fatos e processos particulares e específicos a indivíduos e grupos. A abordagem qualitativa é empregada,

portanto, para a compreensão de fenômenos caracterizados por um alto grau de complexidade interna<sup>19</sup>.

Seguem algumas características particulares da investigação qualitativa:

### **1.1 A subjetividade e o simbolismo**

O universo não passível de ser captado por hipóteses perceptíveis, verificáveis e de difícil quantificação é o campo, por excelência, das pesquisas qualitativas. A imersão na esfera da subjetividade e do simbolismo, firmemente enraizados no contexto social do qual emergem, é condição essencial para o seu desenvolvimento. Através dela, consegue-se penetrar nas intenções e motivos, a partir dos quais ações e relações adquirem sentido. Sua utilização é, portanto, indispensável quando os temas pesquisados demandam um estudo fundamentalmente interpretativo.

### **1.2 A imersão do pesquisador nas circunstâncias e contexto da pesquisa**

Chizotti<sup>20</sup> menciona que:

... a imersão do pesquisador nas circunstâncias e contexto da pesquisa deve conter, a saber, o mergulho nos sentidos e emoções; o reconhecimento dos atores sociais como sujeitos que produzem conhecimentos e práticas; os resultados como fruto de um trabalho coletivo resultante da dinâmica entre pesquisador e pesquisado; a aceitação de todos os fenômenos como igualmente importantes e preciosos: a constância e a ocasionalidade, a frequência e a interrupção, a fala e o silêncio, as revelações e os ocultamentos, a continuidade e a ruptura, o significado manifesto e o que permanece oculto.

Os espaços pedagógicos foram consolidados através do diálogo existente entre educadores e comunidade já a partir de pesquisa de campo realizada no ano anterior à abertura da escola de educação infantil. Foram necessárias várias visitas in loco a fim de promover a interação, ou melhor, a imersão dos atores sociais na comunidade.

## **2 A Fenomenologia enquanto instrumento de análise**

Outro instrumento de análise a ser utilizado nesta pesquisa na demonstração dos resultados é a fenomenologia.

---

<sup>19</sup> MANCINI, Roberto et al. *Éticas da mundialidade: o nascimento de uma consciência planetária*. Trad. Maria Cecília Barbute Attié. São Paulo: Paulinas, 2000.

<sup>20</sup> CHIZOTTI, A. *Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais*. São Paulo: Cortez. 1991.

Um bom começo no estudo da Fenomenologia é a definição da palavra fenômeno. Do grego *phainomenon* participípio presente de *phainesthai*, parecer. Fenomenologia é, de fato, uma investigação que busca a essência inerente da aparência. Vale ressaltar que o termo aparência assume duas concepções simetricamente opostas. 1º. Ato de ocultar a realidade. 2º. Manifestação ou revelação da mesma realidade. Pelo significado, a aparência é o que manifesta ou revela a própria realidade, de modo que esta encontra na realidade a sua verdade, a sua revelação. Aparência é qualquer coisa de que se tem consciência. Qualquer coisa que apareça à consciência é uma área legítima da investigação filosófica. Além do mais, aparência é uma manifestação da essência daquilo de que é a aparência.

Para Natason<sup>21</sup> “...aprende-se o que é fenomenologia passo a passo, através da leitura, discussão, e reflexão...” O que é necessário é mais simples: aprender o que se deve através de atitudes naturais, tentar descrever as apresentações sem pré-julgar os resultados tomando por garantia a história, a causalidade, intersubjetividade e valor que ordinariamente associamos com nossa experiência, e examinar com absoluto cuidado a estrutura do mundo da vida diária para que possamos entender sua origem e sua direção... Há um senso legítimo no qual é necessário dizer que se deve ser um fenomenologista para poder compreender a fenomenologia.

Das linhas da psicologia, a Fenomenologia Existencial é, provavelmente, a mais filosófica. Diferentemente da Psicanálise, que partiu de uma discussão médica e chegou ao conceito de inconsciente, ela nasceu do debate sobre a relação do homem com o mundo.

A Fenomenologia é uma postura ou atitude (um modo de compreender o mundo) e não uma teoria (modo de explicar). A Fenomenologia orienta o seu olhar para o fenômeno, ou seja, na relação sujeito-objeto (ser-no-mundo). Isso, em última análise, representa o rompimento do clássico conceito sujeito/objeto. Por isso compreender o mundo fenomenologicamente torna-se uma tarefa complexa.

Por seu próprio modo de ser, não existe um caminho sistemático de aprendizagem da postura fenomenológica, a não ser pela exaustiva leitura das obras de seus diversos autores.

---

<sup>21</sup> NATASON, Maurice. *Phenomenology and the Social Science*. Volume 1. São Paulo: Natason: Phenomenology and the Social Sciences. 1998. p. 238.

Schutz<sup>22</sup> delinea a fenomenologia a partir de cinco tópicos principais:

Sendo: 1. os fundamentos fenomenológicos para o tipo de Sociologia que ele visava estruturar; 2. a estrutura e o funcionamento da consciência humana e suas ramificações sociais; 3. a estrutura e o funcionamento do mundo social como um conjunto de construções mentais e suas duplas raízes na experiência humana; e 4. os fundamentos teóricos conceituais, assim como 5. os metodológicos, de uma Sociologia de orientação fenomenológica.

Por ser a fenomenologia de ordem subjetiva, envolve diretamente as questões da consciência, sabendo-se que toda consciência é *consciência de alguma coisa*. Assim sendo, a consciência não é uma substância, mas uma atividade constituída por atos (percepção, imaginação, especulação, volição, paixão, etc), com os quais visa algo.

As essências ou significações (noema) são objetos visados de certa maneira pelos atos intencionais da consciência (noesis). A fim de que a investigação se ocupe apenas das operações realizadas pela consciência, é necessário que se faça uma redução fenomenológica, isto é, coloque-se entre parênteses toda a existência efetiva do mundo exterior.

Na prática da fenomenologia efetua-se o processo de redução fenomenológica o qual permite atingir a essência do fenômeno.

As coisas, segundo Husserl<sup>23</sup>, caracterizam-se pela sua não finalização devida, pela possibilidade de sempre serem visadas por noesis novas que as enriquecem e as modificam.

Já Kant<sup>24</sup> diz que fenômeno que é de fato fenômeno, deve possuir duas propriedades elementares: caracterizar-se no tempo e no espaço. No tempo, através da aplicação das categorias do entendimento *a priori* (uma dedução lógica da coisa) e em seguida *a posteriori* (o que pode ser identificado "positivamente" quanto a este objeto). Com a situação inserida em um contexto temporal e espacial, está apta a receber todos os sintético/a *priori*; analítico/a *posteriori*), deve existir o ser que transcenda a ciência, o objeto e a terra.

### 3 A Etnografia

---

<sup>22</sup> SCHUTZ, Alfred. *Fenomenologia e Relações Sociais* - Tradução e Organização Helmut R. Wagner. Ed. Zahar Editores. Rio de Janeiro. 1979.

<sup>23</sup> SCHUTZ, 1979. p. 9

<sup>24</sup> KANT, Immanuel. *Preleções sobre Psicologia*. Leipzig, 1889.

A etnografia se desenvolve no âmbito da antropologia com similitudes com o interacionismo e componentes da ciência a fim de estudá-la. E, para a aplicação dos diversos juízos da ciência simbólica.

Spradley<sup>25</sup>, “identifica a etnografia com o significado das ações e eventos para as pessoas, enquanto indivíduo, e também os grupos estudados. Neste ambiente o pesquisado demonstra esses significados pela linguagem, e ainda através de ações. Em toda a sociedade as pessoas usam sistemas complexos de significado para organizar seu comportamento, para entender a sua própria pessoa e os outros e para dar sentido ao mundo em que vivem. Esses sistemas de significado constituem a sua cultura”. E para Spradley, ainda, cultura é “o conhecimento já adquirido que as pessoas usam para interpretar experiências e gerar comportamentos”. Nesse sentido a cultura abrange o que as pessoas fazem, o que elas sabem e as coisas que elas constroem e usam, explica ele.

Sendo assim, entende-se que a etnografia procura delinear os paradigmas da cultura. Ou seja, a etnografia é um esquema de pesquisa desenvolvido pelos antropólogos para estudar a cultura e a sociedade.

### **3.1 Pesquisa do tipo etnográfico: O Estudo de caso**

Esse tipo de pesquisa é utilizado nos mais diversos campos da ciência; na medicina, psicologia, serviço social, enfermagem, elaborando um estudo exaustivo de um caso, geralmente um indivíduo problemático, para fins de diagnose, tratamento e acompanhamento.

O Estudo de caso etnográfico consta da inserção dos requisitos da etnografia, que em sua principal característica busca ter bem delimitado a unidade e seus limites bem definidos, como uma pessoa, um programa, uma Instituição ou grupo social. Sempre enfatizando o particular. O interesse do pesquisador ao selecionar a unidade a ser estudada é compreendê-la enquanto unidade; isso não impede que também identifique seu contexto e as suas inter-relações como um todo orgânico, e à sua dinâmica como um processo, uma unidade de ação.

### **3.2 Pesquisa Ação – enquanto processo etnográfico**

Consta de um campo de pesquisa que pretende investigar as relações sociais e conseguir mudanças em atitudes e comportamentos dos indivíduos. Um exemplo clássico é o

---

<sup>25</sup> SPRADLEY, J. *The ethnographic interview*. Nova York, Prentice Hall, 1979.

sociólogo que, após pesquisa de campo em determinada comunidade, decide implantar processos de mudanças com um planejamento de intervenção, coleta sistemática dos dados, análise fundamentada na literatura pertinente e relato dos resultados.

### **3.3 Correlações entre etnografia, etnologia e antropologia por Claude Lévi-Strauss**

Uma tentativa de universalização do significado dos termos pode ser encontrada na obra do antropólogo francês Strauss<sup>26</sup>. Sua proposta é a seguinte:

A etnografia corresponde aos primeiros estágios da pesquisa: observação, descrição e trabalho de campo (*field-work*). Uma monografia, que tem por objeto um grupo suficientemente restrito para que o autor tenha podido reunir a maior parte de sua informação graças a uma experiência pessoal, constitui o próprio tipo do estudo etnográfico.

A etnologia - representa um primeiro passo em direção à síntese. Sem excluir a observação direta, ela tende para conclusões suficientemente extensas para que seja difícil fundá-las exclusivamente num conhecimento de primeira mão. Esta síntese pode operar-se em três direções: a) geográfica, quando se quer integrar conhecimentos relativos a grupos vizinhos; b) histórica, quando se visa reconstituir o passado de uma ou várias populações; c) sistemática, enfim, quando se isola, para lhe dar uma atenção particular, determinado tipo de técnica, de costume ou de instituição. A etnologia compreende a etnografia como seu passo preliminar, e constitui seu prolongamento.

Os termos antropologia cultural ou social estão ligados a uma segunda e última etapa da síntese, tomando por base as conclusões da etnografia e da etnologia. Nos países anglo-saxônicos, a antropologia visa a um conhecimento global do homem, abrangendo seu objeto em toda sua extensão histórica e geográfica; aspirando a um conhecimento aplicável ao conjunto do desenvolvimento humano, e tendendo para conclusões, positivas ou negativas, mas válidas para todas as sociedades humanas, desde a grande cidade moderna até a menor tribo melanésia. Pode-se, pois, dizer, neste sentido, que existe entre a antropologia e a etnologia a mesma relação que se definiu acima entre esta última e a etnografia.

Por fim, Lévi-Strauss escreve: etnografia, etnologia e antropologia não constituem três disciplinas diferentes, ou três concepções diferentes dos mesmos estudos. São, de fato,

---

<sup>26</sup> LÉVI-STRAUSS, Claude. *A via das máscaras*. Lisboa, Editorial Presença. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1976. p. 78

três etapas ou três momentos de uma mesma pesquisa, e a preferência por este ou aquele destes termos exprime somente uma atenção predominante voltada para um tipo de pesquisa, que não poderia nunca ser exclusivo dos dois outros.

#### **4 Transcrição e análise das entrevistas efetuadas na comunidade, objeto da pesquisa**

A partir da análise etnológica, numa pesquisa de campo realizada no ano de 2004 - no bairro Solemar na cidade de São José-SC – o pesquisador a priori, em avaliação sintética, passa a observar sócio-culturalmente a comunidade em questão. Como já mencionado no capítulo I, havia a intenção de intervenção na comunidade em estudo. As entrevistas transcritas a seguir demonstram os resultados obtidos após cinco anos de funcionamento do CEEI “Artur Montanha”, Escola de Educação Infantil; pólo observatório.

##### **4.1 Entrevista 1**

Entrevista com o casal José Welinton e Pedrina<sup>27</sup>

Hoje moradores na cidade de Laguna – Santa Catarina. Contam sua história de vida. História esta, onde o protagonista passou por um período de resiliência e transformação social.

A) 1ª Parte da entrevista

E: Qual é o seu nome?

JW: José Welinton

E: Qual seu estado civil?

JW: Casado.

E: Nome da sua esposa.

JW: Pedrina

E: Qual sua profissão?

JW: Encarregado de produção numa fábrica de suco.

E: Quantos filhos você tem, Welinton?

JW: Tenho três filhos.

E: Seus filhos estudam?

JW: Estudam.

E: Desde que idade eles freqüentam a escola, em período integral meio-período?

JW: Desde os 3 anos. Meio período.

---

<sup>27</sup> Todos os nomes foram substituídos por pseudônimos para todos mencionados na entrevista, visando preservar a identidade dos protagonistas.

## B) 2ª Parte da entrevista

E.: Seu filho estudou no CEEI Artur Montanha? Em que época?

JW: Sim. Na época de 2005.

E.: Como você descreveria essa escola? Como foi o aprendizado do seu filho nessa escola?

JW: Descreveria como uma bênção, pois mesmo eu achando que não iria dar muito resultado, ela saiu de lá conhecendo as letras, lendo algumas coisas, escrevendo o próprio nome.

E.: Saiu alfabetizada?

JW: Alfabetizada.

## C) 3ª parte da entrevista

E.: Essa escola tem alguma representação diferente para você ou sua família?

JW: Especificamente, vamos começar pela minha vida, pois através dela, que chegava a casa cantando os hinos, criou o hábito de orar antes do café da manhã, almoço, café da tarde, janta. Ela não deixava a gente almoçar, tomar café que seja, sem estar fazendo uma oração, sem estar agradecendo pela comida que havia na mesa. E aquilo foi mexendo com a minha estrutura. Aquilo foi mexendo comigo. Minha esposa outrora nunca tinha entrado numa Igreja Evangélica, mas eu já era conhecedor. E aquilo foi mexendo de uma tal maneira comigo, eu era uma pessoa que usava drogas numa quantidade bastante alta; era uma pessoa que consumia álcool; uma pessoa que à vista do mundo não teria mais jeito, era uma pessoa briguenta que puxava confusão por qualquer coisa. Eu não conseguia botar uma calça comprida, uma camiseta pra andar no dia-a-dia. Mas, assim, foi uma transformação na minha vida, completa; pois, ela trouxe pra minha casa o novo hábito de agradecer a Deus, trouxe o hábito de botar Deus à frente das coisas e aquilo mexeu muito com a minha estrutura. Tanto é que, logo após, eu voltei à Igreja e dou Graças a Deus pelo trabalho feito pelo CEEI “Artur Montanha”. E, hoje, eu recomendo que do mesmo modo que foi feito com a minha filha, que a escola possa estar fazendo todo o bem que foi feito a mim através da minha filha, seja feito a outras pessoas.

E.: O que mais lhe chamava a atenção: quando sua filha cantava os hinos, quando ela contava as histórias, porque é uma escola que trabalha com o ensino bíblico. Você acha que isso também ajudou na sua mudança?

JW: O que eu mais prestava atenção nela, era que ela chegava a casa, não era com ensinamento básico, daquela escola secular, ensino dado com educação normal. Mas ela chegava a casa com um ensinamento; ela aprendia a ler e a escrever mas dentro de uma escola

normal com ensinamento bíblico, por dentro de histórias bíblicas, por hinos. E isso me chamou muito a atenção.

#### D) 4ª Parte da entrevista

E: Pedrina, o que representou pra você, sua filha ter estudado no CEEI Artur Montanha?

P: Tudo. Eu nasci de novo.

E: Você nasceu de novo?

P: Eu nasci de novo, porque pra mim o papo de falar de Deus era muito chato. Era uma coisa que eu acreditava em Deus, mas nada de uma coisa muito séria. Eu era uma pessoa muito vaidosa. Então, a minha filha chegava a casa cantando os hinos. E ela dizia: mãe; vamos lá mãe, eu tenho uma apresentação, tu tens que ir pra me ver. E quando eu fui; eu já senti Deus tocar na minha vida, eu já tinha vontade de estar sempre lá. Eu estava sempre visitando, os conselheiros, muito queridos, sempre atendendo a gente no que eles podiam. A ajuda deles na nossa vida foi um novo renascimento.

E: Houve uma mudança dentro da sua casa.

P: Dentro da minha casa, com a Ana Paula chegando e cantando, ela tem o dom maravilhoso que Deus deu pra ela de louvar. Ela chegava a casa cantando, aquilo já cativava a gente. Aquelas letras dos hinos cativavam a gente. A gente ia sendo tocado por aqueles hinos. Foi uma mudança radical na nossa vida.

#### E) 5ª Parte da entrevista

P: Demorou, aproximadamente, um ano até eu aceitar a Jesus completamente, porque a princípio eu estava só visitando a Instituição, ia lá uma vez ou outra. Primeiro fui eu, que fui pra Jesus. Meu marido ainda demorou mais, ele relutou mais, devido às drogas, à bebida, muitos episódios aconteceram. Tem um que marcou mais, foi: eu cheguei do meu trabalho eu trabalhava até às 8 da noite, até 7 ou 8 horas da noite. E nesse dia, era uma quinta-feira, e eu lembro que eu não tinha aceitado a Jesus completamente ainda, mas eu estava indo em campanha pra Igreja. E, eu cheguei a casa, ele estava bêbado, drogado; nesse dia, ele tinha tomado um garrafão de vinho sozinho e comprado outro e tomado até a metade, porque a gente tinha um garrafão pela metade em casa, então pra eu não saber que ele já tinha tomado aquele, ele comprou outro e tomou mais um pouco ainda. Então ele estava totalmente debilitado, bêbado, drogado. E eu cheguei a casa correndo porque já estava no horário do culto, e eu falei pra ele: olha eu estou indo pra Igreja, e eu vou pra Jesus. E eu lembro que eu

fui ao quarto, e cheguei e disse pra ele: Onde está o dinheiro da luz que estava aqui? Aí, ele não soube me responder, ficou nervoso e naquele dia ele tinha pegado o dinheiro pra comprar droga. E, eu fui pra Igreja, e fiquei totalmente atordoada. E eu falei pra ele: olha, eu vou e quando eu voltar, o que tu me falar, daqui pra frente continua o nosso casamento, senão aqui vai ser encerrado. Fui pra Igreja, chorei o culto inteiro, eu estava muito nervosa, todo mundo notava que eu estava desesperada. As pessoas já sabiam um pouco da minha história. Os irmãos muito carinhosos, eles já estavam fazendo parte da minha vida, eles já sabiam muitas coisas. No final do culto eu chamei o conselheiro e contei pra ele o ocorrido: Olha, meu esposo pegou o dinheiro da luz, vão cortar, eu tinha só dois filhos na época. E eu disse: tenho dois filhos, são crianças, o que eu vou fazer? E o conselheiro disse: Calma, vou te ajudar, vamos orar, vamos ver o que pode ser feito. Então, eu e a minha filha ficamos numa luta bem grande. E a minha filha sempre procurava conquistá-lo e dizia: vamos cantar pai! E ele sempre relutando dizendo que não. E ele dizia: hoje o pai não quer, canta com a mãe. Sempre empurrando pra mim, ele demorou mais pra vir pra Jesus. Ele relutou mais. Então, nesse culto, nesse dia Jesus já começou a tocar nele. Porque nesse dia, eu lembro que quando acabou o culto, eu conversei com o conselheiro; e quando eu estava na rua, pra ir embora, ele já estava me esperando, tinha tomado banho, já mais são, e disse que tinha dado um jeito, que o dinheiro da luz já estava lá. Jesus já estava começando a trabalhar, estava vendo o meu sofrimento; e depois disso ainda teve um outro episódio, pra ele poder voltar pra Jesus e mudar de vida.

#### F) 6ª Parte da entrevista

JW: E até, episódio esse que era uma terça-feira, em torno de 6 horas, 5 ou 6 horas da tarde, eu estava tendo início de overdose na minha sala, nessa época tinha só a Ana Paula e o Luiz, e ali passou um tipo de um flash-back na minha mente. O que eu tinha feito; o que eu fazia, o que eu estava fazendo, que futuro que eu estava mostrando pros meus filhos. De eu estar bebendo, estar me drogando. Muitas vezes eu fazia isso, eu os trancava muitas vezes no quarto, pra me drogar na sala. E, isso passou na minha mente como um flash-back; e Deus me mostrou o futuro que ia dar pra aquelas crianças.

Qual era o futuro que eu tinha pra elas. E naquele dia, eu joguei o resto da droga que eu tinha ainda comigo, e o vício que eu fumava 3 a 4 cartelas de cigarros por dia. Eu joguei fora o cigarro que eu estava fumando na hora. Joguei fora a droga e a bebida. E pedi pra Deus transformar a minha vida, pra mudar o meu ser. E daquele dia em diante eu resolvi propositar a minha vida pra Deus. Resolvi, aceitar a Ele, deixar que Ele tomasse conta do decorrer da

minha vida. O coloquei na frente dos meus atos, e do meu querer. E desde aquele dia, daquela hora eu não bebi mais, eu não fumei mais, não me droguei mais. Desde aquele instante, que eu propusitei a minha vida a Deus, propusitei a minha vida à obra Dele; Ele me libertou completamente: do vício do cigarro, do vício da bebida e das drogas; tanto é que eu ainda relutei comigo, eu ainda deixei 9 carteiras de cigarro dentro da minha casa, e falei: está aqui a prova que eu não vou mais dar a chance pro vício, eu não vou mais dar chance pra beber, pra nada de ruim na minha vida. Depois, mais ou menos, de dois meses, peguei aquelas carteiras de cigarro e joguei fora.

#### G) 7ª Parte da entrevista

E: Então, nós temos aqui um depoimento de uma família que pode dizer que através do Ensino Bíblico, dentro de uma Escola de Educação Infantil, fez toda a diferença, mudou a vida dessa família; e, hoje, eles estão: Felizes.

#### 4.2 – Análise da primeira entrevista

A 1ª parte da entrevista trata da identificação da família em questão. Família típica brasileira.

Porém, traz o resultado do trabalho proposto pelos pesquisadores desde pesquisa de campo, em 2004, e as interferências, de fato, e efetivação do Projeto dentro da comunidade.

A 2ª parte da entrevista torna-se mais densa, já pela identificação da inserção de um dos filhos na Instituição de Educação Infantil: CEEI “Artur Montanha”. Há, ainda, a conceitualização positiva do currículo escolar e o aprendizado da criança.

#### A 3ª parte da entrevista

Neste ponto acontece o que os sociólogos chamam de redução fenomenológica; ou seja, revela os fenômenos da experiência real ou pessoal. A seguir analisaremos a partir de alguns fundamentos da fenomenologia os fatos deste trecho da entrevista.

#### A) Dentro do cenário cognitivo do Mundo da Vida, temos:

Especificamente, vamos começar pela minha vida, pois através da minha filha que chegava a casa cantando os hinos, criou o hábito de orar antes do café da manhã, almoço, café da tarde, janta. Ela não deixava a gente almoçar, tomar café que seja, sem estar fazendo uma oração, sem estar agradecendo pela comida que havia na mesa. E

aquilo foi mexendo com a minha estrutura, ... E aquilo foi mexendo comigo.

A informação acima pode ser avaliada como a “discussão da experiência subjetiva na vida diária e interpretação do mundo que surge dela”; por exemplo, a criança está inserindo aprendizado cognitivo no âmbito da família; sob a “investigação dos fatores responsáveis pela escolha de aspectos vivenciados do ambiente, nos quais a atenção se concentra, e das esferas e sistemas de relevância, inclusive, principalmente, os processos de tipificação e a aplicação dos tipos conceituais”<sup>28</sup>. Conceitos foram revistos e outros adotados por intersecções feitas pela criança.

#### B) A partir da ação no mundo da vida

A seguir o entrevistado passa a descrever sua condição social antes da interferência educacional promovida através do aprendizado da criança que freqüentava o CEEI “Artur Montanha”; pode-se descrever esse momento como o desenvolvimento de uma teoria subjetiva da ação humana onde ela é vista como um processo fundamentado em funções de motivação, tais como “razões” e “objetivos”, e guiado por antecipações na forma de planejamento e projeção, e ainda, esclarecimentos sobre os problemas de volição, escolha, liberdade e determinismo dentro do contexto da ação humana e, sobretudo, a promoção de uma educação para a paz. A intervenção educacional pode ser percebida quando o entrevistado menciona: “eu era uma pessoa que usava drogas numa quantidade bastante alta; era uma pessoa que consumia álcool; ... era uma pessoa briguenta que puxava confusão por qualquer coisa”; Para Guimarães, o “entender a paz como construção cultural e como noção pedagógica leva-nos a superar uma certa compreensão abstrata e idealista, deixando de entendê-la como um ideal para um amanhã distante e colocá-la na ordem do dia e da ação da tarefa que está ao nosso alcance”<sup>29</sup>. Lembrando que constava dos objetivos da Proposta Pedagógica do CEEI “Artur Montanha” a socialização plena da comunidade, onde a descrição dos problemas mencionados pelo entrevistado José Welinton já haviam sido detectados em pesquisa de campo. Na frase “uma pessoa que à vista do mundo não teria mais jeito”, o

---

<sup>28</sup> SCHUTZ, Alfred. *Fenomenologia e Relações Sociais* - Tradução e Organização Helmut R. Wagner. Ed. Zahar Editores. Rio de Janeiro. 1979.

<sup>29</sup> GUIMARÃES, Marcelo Rezende. *Um Novo Mundo é possível: Dez boas razões para educar para a paz, praticar a tolerância, promover o diálogo inter-religioso, ser solidário, promover os direitos humanos*. São Leopoldo: Sinodal, 2004. (Coordenador na ONG Educadores para a Paz)

entrevistado descreve sua condição anti-social ou dissocializada da comunidade em que estava inserido; neste ambiente anti-societário o educador Trilla<sup>30</sup>, menciona:

“A educação não-formal costuma ser mais hábil, flexível, versátil e dinâmica que a formal. Nasce como uma contribuição ao atendimento daqueles que se encontram excluídos de qualquer proteção necessária para seu desenvolvimento.”

Cabe neste instante mencionar o estudo etnográfico, mais precisamente, a pesquisa Ação, que é um campo de pesquisa que pretende investigar as relações sociais e conseguir mudanças em atitudes e comportamentos dos indivíduos. Um exemplo clássico é o sociólogo que, após pesquisa de campo em determinada comunidade (Jd. Solemar–São José-SC), decide implantar processos de mudanças com um planejamento de intervenção (grupo de educadores do CEEI “Artur Montanha”), coleta sistemática dos dados, análise fundamentada na literatura pertinente e relato dos resultados (a presente pesquisa).

Fica, exatamente, caracterizada a proposta da Escola de Educação Infantil em conscientizar toda a comunidade, levando-a a construir o senso crítico para promover a transformação social democrática; e neste momento vê-se despontar um vislumbre de conscientização, ou seja, são objetos visados de certa maneira pelos atos intencionais da consciência (noesis), fatos da fenomenologia.

Outro ponto a ser destacado nessa fase da entrevista, a seguir:

“O que eu mais prestava atenção nela, era que ela chegava a casa, com ensinamento bíblico, ... ela aprendia a ler e a escrever mas dentro de uma escola normal com ensinamento bíblico, por dentro de histórias bíblicas, por hinos. E isso me chamou muito a atenção”.

Dentro da fenomenologia há quatro pontos que identificam o mundo das relações sociais, como segue:

Compreendendo que a fenomenologia se ocupa da realidade cognitiva incorporada aos processos de experiências humanas subjetivas; temos, a criança transmitindo o aprendizado adquirido o que pode ser visto como a análise de relacionamentos interativos que resultam de processos intersubjetivos expressos nas ‘relações do Nós’; investigação dos

---

<sup>30</sup> TRILLA, J. *La Educacion fuera de la escuela*. Ámbitos no formales y educación social. Barcelona: Ariel, 1996.

processos intersubjetivos de comunicação “face a face” entre os semelhantes, considerando, em especial, as formas linguísticas desses processos.

#### A 4ª Parte da entrevista

Entra em cena novo personagem, Pedrina, esposa e mãe da criança que frequentou o CEEI “Artur Montanha”.

Em sua fala ela expressa gratidão pelo aprendizado, não apenas da filha, mas também da transformação ocorrida no âmbito da família, como descrevem alguns trechos:

“Eu nasci de novo!” Esta expressão pode ser qualificada como ‘a metade’ que faltava, da metáfora feliz do filósofo grego Platão (427-348/7 a.C.), no seu diálogo “O Banquete”, no qual comenta que as pessoas eram esferas e, por terem procedido mal, foram cortadas pelos ‘deuses’ em dois pedaços, de forma que cada metade de esfera precisa de outra metade para ser e realizar-se... Isto tanto num plano físico-material, no que diz respeito às nossas necessidades imediatas, mas também numa dimensão moral-espiritual. E ao que parece este último item é o âmago do encontro com a vida: “nasci de novo” o encontro com o ‘numinoso’ de Otto<sup>31</sup>, em sua obra “O Sagrado” que descreve esse momento como “esse poder avassalador. ... Essa qualidade do poder referido não é formulável em conceitos racionais; ela é ‘inefável’<sup>32</sup> somente pode ser indicada indiretamente pela evocação íntima e apontando para o peculiar tipo e conteúdo da reação-sentimento, desencadeada na psique por uma experiência pela qual a própria pessoa precisa passar”<sup>33</sup> Essa experiência é descrita pela personagem quando menciona alguns fatos, como segue: “mãe, eu tenho uma apresentação, tu tens que ir pra me ver. E quando eu fui; eu já senti Deus (o Numinoso) tocar a minha vida, eu já tinha vontade de estar sempre lá. ... Houve uma mudança dentro da minha casa. ... Aquelas letras dos hinos cativavam a gente. ... Foi uma mudança radical na nossa vida.” Lembrando que os hinos traziam o aspecto bíblico, tem-se que “a sensação do ‘Numinoso’ em seus níveis mais elevados produz a mais pura Fé; onde o assombro então retorna na forma infinitamente enobrecida daquele intimíssimo estremecimento e emudecimento da alma até suas mais profundas raízes”.

---

<sup>31</sup> OTTO, Rudolf. *O SAGRADO*, Os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional / Rudolf Otto. [Traduzido por] Walter O. Schlupp. – São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007.

Rudolf Otto usa a seguinte frase para definir o Numinoso: “Este será, então, nosso intento no tocante à peculiar categoria do sagrado (ou santo). Detectar e reconhecer algo como sendo “sagrado” é, em primeiro lugar, uma avaliação peculiar que, nesta forma, ocorre somente no campo religioso. Embora também tanja outras áreas, por exemplo, a ética, não é daí que provém a categoria do sagrado. Ela apresenta um elemento ou “momento” bem específico, que foge ao acesso racional no sentido acima utilizado, sendo algo árreton (“impronunciável”), um ineffabile (“indizível”) na medida em que foge totalmente à apreensão conceitual.

<sup>32</sup> OTTO, 2007. p. 57.

<sup>33</sup> OTTO, 2007. p. 62.

## A 5ª Parte da Entrevista

Evidencia a situação social lamentável em que se encontrava a família. Contudo, ela vê um vislumbre de reestruturação do lar.

Schutz<sup>34</sup>, fala de três tipos de relevância: motivacional, temática e interpretacional. Quanto à relevância motivacional temos que, já havia um cenário de esperança, visto que a personagem (Pedrina) já passara por uma experiência com o ‘Numinoso’, e esse momento vivido trouxe o fio de esperança, trazendo motivação para o embate com o problema; mas, ela tinha, ainda que se preocupar com a situação-problema buscando detectá-lo, transformando-se em ator em potencial para ser capaz de resolver o problema, este se torna o tema de seus esforços cognitivos, ao que Schutz chama de relevância temática. Não basta apenas detectar o problema, faz-se necessário que o ator tenha amplo conhecimento do contexto situacional para então proceder à ação de solução, podendo considerar potencialmente importante com relação a seus esforços para dominá-lo, o que seria a relevância interpretacional.

## A 6ª Parte da Entrevista

Este seria o ponto preponderante da entrevista onde o principal protagonista menciona seu contexto situacional e a partir desse depoimento, pode-se verificar, não apenas o poder de resiliência das pessoas envolvidas, mas, com certeza, é possível empregar o termo ‘reconciliação’ muito propagado por teólogos; este termo faz parte da teologia sistemática, mais precisamente, da soteriologia. O arrependimento e a fé são os dois elementos essenciais da conversão (reconciliação do homem com Deus). Envolve uma ‘virada contra’ (o arrependimento) e uma ‘virada para’ (a fé).

No A.T. temos as palavras primárias ‘shuv’ (‘virar para trás’, voltar) e ‘nicham’ (‘arrepender-se’, ‘consolar’) expressam a idéia de arrependimento.

Na frase determinante de uma situação de risco de morte: **“eu estava tendo início de overdose na minha sala”**, indica a tensão da vida diária do personagem. Como já mencionado no Capítulo I, havia o conhecimento por parte do pesquisador da situação-problema de altíssimo nível de drogadição de um número expressivo das pessoas inseridas naquela comunidade. Como consta também na proposta do CEEI, a intencionalidade

---

<sup>34</sup> SCHUTZ, Alfred. *Fenomenologia e Relações Sociais* - Tradução e Organização Helmut R. Wagner. Ed. Zahar Editores. Rio de Janeiro. 1979

progressiva de reabilitação, transformação e inserção dessas pessoas na sociedade, como indivíduos formadores de opinião exercendo seu direito de cidadão consciente e crítico.

Parece que, neste ponto, acontece a tensão de consciência específica ou, mais precisamente, o estado de alerta total, originando a atenção total à vida (Schutz).

Eis a resposta consciente a este fenômeno, ao que James chama de “Realidade Suprema”<sup>35</sup>. Vejamos a declaração do personagem desta história de vida, abaixo:

... nessa época tinha só a Ana Paula e o Luiz, e ali passou um tipo de um flash-back na minha mente. O que eu tinha feito; o que eu fazia, o que eu estava fazendo, que futuro que eu estava mostrando pros meus filhos. De eu estar bebendo, estar me drogando. Muitas vezes eu fazia isso, trancava meus filhos muitas vezes no quarto, pra me drogar na sala. E, isso passou na minha mente como um flash-back; e Deus me mostrou o futuro que ia dar pra aquelas crianças.

Pode-se avaliar este evento, ainda, como uma experiência de choque, como exemplo de adormecer, e num salto entrar no mundo dos sonhos, promovendo a transformação interior quando o indivíduo se depara com a cortina do teatro que se levanta. A própria ideia de Deus se purifica; o homem toma consciência de sua radical “pobreza”. Pois somente o homem despojado poderá reconhecer o Messias, e receber a fé, condição da salvação.

Tomando um exemplo clássico da etnologia, tem-se em Durkheim<sup>36</sup> que “considerava que uma ciência do social devia descobrir a causalidade dos fatos sociais”. Ora, estava convencido que esta não se exerce senão em sincronia. Um exemplo ilustrará este ponto: quando a sociedade se desintegra, as normas sociais deixam de se impor aos indivíduos. As comunidades às quais pertencem são atingidas pela anomia (isto é, ausência de regras de conduta). Conseqüentemente, os indivíduos perdem os laços que os une ao grupo, e tendem mais facilmente ao suicídio (e drogadição, em geral) que nas comunidades efetivamente solidárias. A causa (a anomia) e o efeito (o aumento da taxa de suicídio e drogadição) são concomitantes. A explicação de um fato atual não se encontra, pois, num fato do passado. Essa descrição de Durkheim parece coadunar com exatidão o problema-

---

<sup>35</sup> SCHUTZ, Alfred. *Fenomenologia e Relações Sociais*. Tradução e Organização Helmut R. Wagner. Ed. Zahar Editores. Rio de Janeiro. 1979.

<sup>36</sup> LABURTHE-TOLRA, Philippe. *Etnologia – Antropologia* / Philippe Laburthe-Tolra, Jean Pierre Warnier ; tradução de Anna Hartmann Cavalcanti ; revisão da tradução Jaime A. Clasen, revisão técnica Antonio Carlos de Souza e Lima. – Petrópolis, RJ : Vozes, 1997.

situacional do entrevistado em questão. Há sempre a causa (anomia) e o efeito (resultado: aumento do suicídio e drogadição); que, sem exceção, reproduz a desintegração social.

Durkheim, ainda, menciona que “a religião nas sociedades exerce papel integrador fundamental, que não encontrou ainda equivalente nas sociedades modernas e pós-modernas”<sup>37</sup>.

O personagem parece coadunar neste item com Durkheim, quando diz que ao passar pela ação no mundo da vida, em que se encontra um hiato entre o indivíduo, sua posição no espaço, no tempo e na sociedade. A fenomenologia diria que ele precisa encontrar um caminho e entrar em acordo com os elementos, vencendo os obstáculos (a drogadição e o alcoolismo) buscando apoio para atividades espontâneas do seu pensar e fazer. São experiências vivenciadas como contextos de interesses, dentro de uma hierarquia de problemas e situações a serem resolvidos, como projeções e suas possibilidades de desempenho.

O indivíduo procura a partir dessa ruptura, na fala do personagem: “que futuro eu estava mostrando pros meus filhos”; em que a fenomenologia trata como *Possibilidades Problemáticas e em Aberto*, conforme Husserl<sup>38</sup>: qualquer objeto de nossas experiências é originalmente dado à nossa percepção passiva; ele nos afeta, impondo-se sobre o ego. Esse fenômeno como receptividade do ego, ou análise sob o prisma da atenção. Atenção voltada para o objeto intencionado (os filhos); o ponto de partida de uma série de cogitações ativas no sentido de mudança de rumo ou ponto alvo: “Que futuro darei aos meus filhos?” Eis o ponto de partida e, concomitante, o fim último a ser alcançado.

Ainda, dentro dessa ruptura, onde o personagem menciona: “E naquele dia, eu joguei o resto da droga que eu tinha ainda comigo... joguei fora o cigarro... E pedi pra Deus transformar a minha vida, pra mudar o meu ser. E daquele dia em diante eu resolvi propositar a minha vida pra Deus”. Otto diz que não existe um campo da experiência humana que apresente algo próprio, que apareça somente nele, senão o campo religioso. Não se trata aqui de uma experiência qualquer, mas de um estremecimento e emudecimento da criatura a se humilhar perante o que está contido no inefável mistério acima de toda criatura. Mas o sentido intencionado é algo positivo por excelência. Seu aspecto positivo é experimentado

---

<sup>37</sup> LABURTHE-TOLRA. 1997. p.326.

<sup>38</sup> SCHUTZ. 1979. p.58.

exclusivamente em sentimentos; sentimento como relação pré-conceitual e supraconceitual, mesmo assim cognitiva com o objeto. Como aparece no verso de Tersteegen<sup>39</sup>:

Deus está presente.  
Tudo em nós se cale  
E, devotos, nos prostemos.

Parece que este verso descreve bem o momento experienciado pelo personagem, denotando uma sensação de dependência. E até mesmo de um encontro inexplicável, e que o depoimento de um místico cristão pode definir bem: “A pessoa afunda e se funde em seu próprio nada e sua pequenez. Quanto mais clara e desnuda ela reconheça a magnitude de Deus, mais nítida se lhe torna sua pequenez”<sup>40</sup>.

E, ainda, no depoimento do personagem há a afirmativa: “... E pedi pra Deus transformar a minha vida, pra mudar o meu ser”. Essa máxima poderia, certamente, coadunar com as palavras do místico Tersteegen, e tomar como sua a oração do que segue:

Senhor Deus, ente necessário e supremo, ente supremo, até mesmo ente único e mais que ente! Somente tu podes dizer categoricamente: Eu Sou, e este Eu Sou é tão irrestrita e indubitavelmente verídico, que não há juramento que coloque a verdade mais fora de qualquer dúvida que quando essa palavra sai da tua boca: Eu Sou. Eu Vivo.  
Sim, amém. Tu és. Meu espírito se dobra e meu mais profundo íntimo professa a mim mesmo que tu és<sup>41</sup>.

Concluindo a análise dessa entrevista, pode-se dizer que a família entrevistada passou por um período de resiliência e transformação social. O termo resiliência pode ser caracterizado, grosso modo, por superações alcançadas pelo casal que, passaram por situações-problema gravíssimas, mas que com a intervenção do Numinoso (Deus), através do CEEI “Artur Montanha”, que a priori possuía em sua proposta pedagógica proporcionar

---

<sup>39</sup> OTTO, Rudolf. *O SAGRADO*, Os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional / Rudolf Otto. [Traduzido por] Walter O. Schlupp. – São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007.

Schleiermacher na segunda edição de suas Reden, apud PÜNJer, p. 84 dirá que: “De bom grado admito aos senhores que aquele **santo e reverente respeito** (heilige Ehrfurcht) é o primeiro elemento da religião.”

Em total acordo com a nossa exposição ele observa o caráter totalmente diferente desse temor “santo” na comparação com o temor natural. – Em PÜNGER, ele está em pleno “sentimento numinoso”:

“Aqueles **maravilhosas, arrepiantes, misteriosas** excitações [...]”.

E também:

“[...] que irrefletidamente chamamos de superstição, uma vez que evidentemente se baseia num **arrepio religioso** [frommer Schauer] do qual não nos envergonhamos”. Aí estão reunidos quase todos os nossos próprios termos para o sentimento numinoso. Não se trata, de maneira alguma, de uma espécie de autopercepção, mas da sensação de um objeto real fora do si-mesmo como “o primeiro elemento” na religião. Ao mesmo tempo, Schleiermacher reconhece o sentimento numinoso em suas formas “brutas”, as quais “irrefletidamente chamamos de superstição”. – Todos esses aspectos aqui mencionados, entretanto, evidentemente nada têm a ver com um “sentimento de dependência” no sentido de estar causado.

<sup>40</sup> OTTO. 2007. p. 73.

<sup>41</sup> OTTO. 2007. p. 26.

oportunidade às famílias de socialização plena e reestruturação sócio-educativo-cultural; tendo como embasamento teórico: o ensino bíblico como agente performativo da sociedade a partir de Escola de Educação Infantil.

#### **4.2 Análise do conjunto de entrevistas**

As demais entrevistas que foram objeto dessa pesquisa terão os resultados apresentados em um único conjunto, como segue:

1. Número de entrevistados: 10
2. Número de Filhos:
3. Filhos estudam desde que idade:
4. Como descreve o CEEI “Artur Montanha”?
5. Representações importantes para a família:
  - a) Ensino Bíblico como fator diferencial
  - b) Melhor aprendizado em relação às crianças que não frequentaram o CEEI
  - c) O CEEI como referência escolar ética e moralmente.

A questão número 1, que consta número de entrevistados corresponde, na verdade, a 10 famílias compostas de no mínimo 5 (cinco) pessoas, outras chegando a 10 pessoas. Considerando as estatísticas apresentadas, pode-se estabelecer um percentual entre 40 e 70% da população da comunidade, se avaliado a abrangência do impacto das transformações sociais ocorridas intermediadas pelo ensino bíblico na escola de educação infantil, já que a conscientização pode ser ampliada ao parentesco de segundo e terceiros graus.

Na questão 2, tem-se a média de 2 (dois) filhos por família. Está dentro da média Nacional Brasileira. Apesar de ser uma comunidade de baixa renda, há a responsabilidade do controle da natalidade.

A questão número 3, faculta um dos principais objetivos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Lei nº 9394/96; que diz no seu: Art. 29 – A Educação Infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até cinco anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

O CEEI “Artur Montanha”, buscou proporcionar a essas crianças ambiente seguro e com educação de boa qualidade, visando o bem-estar de toda a comunidade.

A questão 4 procura, através das avaliações feitas pelos pais e a comunidade em geral, descrever a atuação da escola, como segue:

a) 80 % descreveram a escola como tendo bom nível pedagógico, incentivando o aprendizado como um todo.

b) 90% avaliaram a escola como sendo de altíssimo nível de aprendizagem e o lugar ideal, seguro para seus filhos.

c) 85% responderam que a escola promove a formação global da criança; tanto no aspecto cognitivo, físico, emocional, social e espiritual. Uma referência no âmbito do ensino da educação infantil, que procura desenvolver valores éticos e morais.

A questão 5 procura, na medida do possível, transcrever a opinião dos pais e familiares entrevistados. Todos os entrevistados, sem exceção, mencionaram o ensino bíblico como referencial para o aprendizado da criança e a transformação social da família; frisando, ainda, a condição econômica que foi favorecida através da orientação pedagógica da direção da escola que promove em conjunto com as atividades escolares e o conselheiro eclesial o atendimento às famílias, e a interação com toda a comunidade.

Há, também, a avaliação dos familiares e educadores da escola de ensino fundamental onde as crianças davam continuidade ao aprendizado, mencionando que em relação às crianças que freqüentaram o CEEI “Artur Montanha” e as que vieram de outras escolas, àquelas têm melhor desempenho no aprendizado do ensino fundamental, demonstrando muita habilidade e facilidade em absorver os conteúdos apresentados nessa nova fase escolar. Como consta no depoimento de um dos professores das unidades de ensino fundamental onde as crianças estão inseridas:

Realmente essas crianças estão em um nível mais avançado que as demais, o que facilita em muito o aprendizado, pois eles já saem do CEEI alfabetizados. Esperamos que continuem com esse trabalho maravilhoso, pois o trabalho de vocês reflete em nosso trabalho.

Na parte 5c da entrevista puderam ser detectados os principais elementos que serviram como referencial para todo o sucesso da proposta pedagógica do CEEI “Artur Montanha”, vejamos:

1. A base de todo processo de aprendizagem, seja da criança, ou da comunidade em si, está na Educação Cristã, que tem como embasamento o Ensino Bíblico, despreocupado com credo religioso, cor ou etnia, condição social ou econômica.

2. Educação como fonte de Esperança: palavras dos pais: “Os valores aprendidos sejam éticos ou morais promovem a esperança de um mundo melhor para nós e nossos

filhos”; “Os princípios cristãos aprendidos no CEEI, são repassados para nós quando a criança chega a casa”; “O conhecimento dos princípios divinos nos dá a chance de construir uma sociedade melhor”.

3. Um lugar de confiança: “O mais importante para mim, além do ensino cristão, é a total confiança que tenho nos educadores”; “Estudar no CEEI serviu de base para o cristianismo na vida de nosso filho e um presente de Deus, pois tínhamos grande necessidade que nosso filho estudasse em um local com aquela estrutura para podermos trabalhar despreocupados”; “No mundo de hoje já vimos e ouvimos notícias de coisas que são feitas com crianças, agressões dentre outros, sabemos que no CEEI eles estão seguros, além de obter o conhecimento secular, eles aprendem a palavra de Deus que é o mais importante; gostaria que meus outros filhos estudassem nessa escola”.

Cabe neste momento comentário contundente do catedrático Hugo Assmann sobre a Educação Social que pode constatar até o momento a trajetória do CEEI “Artur Montanha”, desde a pesquisa de campo no ano de 2004 até os dias atuais e os resultados apresentados neste trabalho; o autor menciona que:

- Aprendizagem social é a mudança relativamente permanente na capacidade para determinados comportamentos. Mudança duradoura dos mecanismos de comportamento envolvendo estímulos e/ou respostas resultantes de uma experiência anterior com estímulos e respostas similares (definição behaviorista) – Claro que sobre a aprendizagem definida desse jeito se poderia afirmar que ela “é relativamente incomum na natureza”.
- Aprendizagem social evolucionária: dentro da Evolução a aprendizagem social cumpre uma função adaptativa. Muitos animais tiraram enorme vantagem evolutiva do seu potencial de aprendizagem social. Na evolução da espécie humana, a *neotenia*, ou seja, o nascimento “prematureo” e “despreparado” dispõe o ser humano para uma aprendizagem extra-uterina que envolve suma flexibilidade adaptativa e enorme dependência cognitiva do meio ambiente natural e social.
- A cultura humana nada mais é do que uma complexa capacidade adaptativa das linguagens e dos campos do sentido.

- A aprendizagem social é especialmente importante para poder lidar com as variações ambientais imprevistas, tanto sob ponto de vista social-humano, como em relação às variações espaciais e temporais.
- A aprendizagem social deve tornar-se um recurso para economizar o uso de energias humanas no constante enfrentamento de desafios que implicam tentativa de erro.
- A aprendizagem social depende da conexão com redes horizontalmente estruturadas de intercâmbio de experiências de aprendizagem e conhecimentos adquiridos.
- Incentivos para a aprendizagem social são importantes para criar um clima de confiança e colaboração que fomente a aprendizagem social.
- Toda aprendizagem é social, mas hoje as aprendizagens devem tornar-se conscientemente sociais, porque estamos imersos numa aceleração dos potenciais de conectividade tecnológica e inter-humana da sociedade do conhecimento.
- Toda a competência social precisa ter um enraizamento em contextos locais concretos. A inteligência social é fundamentalmente inteligência localizada<sup>42</sup>.

Os pontos acima citados correspondem satisfatoriamente aos pressupostos da Proposta Pedagógica do CEEI “Artur Montanha” que evidenciou os bons resultados alcançados pela equipe de educadores, direção da escola de educação infantil e administração eclesial junto à comunidade; o que, na íntegra, promoveu a Educação através do aprendizado social; trata-se, assim, de uma aprendizagem sócio-educativa.

Concluídas as análises das entrevistas, resta-nos entender o fator fenomenológico que promoveu toda essa reestruturação familiar e transformação social com o Ensino Bíblico como agente performativo do ‘ethos’ dessa comunidade, o que veremos no próximo capítulo.

---

<sup>42</sup> ASSMANN, Hugo, MO SUNG, Jung: *Competência e sensibilidade solidária : educar para a esperança* / Hugo Assmann, Jung Mo Sung. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2000.

### **3 AS INTERFERÊNCIAS RESULTANTES DO ENSINO BÍBLICO NA PERFORMATIZAÇÃO DO ETHOS DA COMUNIDADE**

Nos dois primeiros capítulos deste trabalho foram apontados: a proposta pedagógica do CEEI “Artur Montanha” e o diagnóstico das histórias de vida dos personagens que estão inseridos no contexto da comunidade em estudo.

Entende-se que, a partir das histórias de vida narradas, as famílias da comunidade foram beneficiadas: sócio, educacional, cultural, espiritual e eticamente através da contextualização bíblica, como agente performativo do ‘ethos’ da mesma. Dentro desse contexto, partir-se-á neste capítulo à descrição dos fatores que colaboraram para a efetivação da proposta pedagógica apontada pela instituição e suas nuances.

Neste primeiro momento tentar-se-á descrever o termo ‘ethos’ em suas múltiplas faces e conjecturas, delineando suas raízes e seus apontamentos contemporâneos enquanto aplicado numa sociedade intra e extra-curricular que, pensa-se, bem mais abrangente que sua etimologia.

#### **3.1 Conceitos de ‘ethos’**

Etimologicamente a palavra ética (*ethos*) é uma transliteração de dois vocábulos gregos:  $\eta\theta\omicron\zeta$  (*ethos*) que significa morada do homem, morada do animal: covil, caverna,  $\eta\theta\omicron\zeta$  que dá o sentido de abrigo protetor, o homem encontra um estilo de vida e de ação no espaço do mundo. Acostuma-se com sua morada. Daí vem o costume, mas esta morada é passível de perfectibilidade, de aperfeiçoamento.

O outro vocábulo  $\epsilon\theta\omicron\zeta$  (*ethos*) significa comportamento que resulta de um repetir os mesmo atos – uma constante que manifesta o costume, o ato do indivíduo – tem-se aí o hábito<sup>43</sup>. Tanto costume quanto hábito são construídos<sup>44</sup>.

---

<sup>43</sup> VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. *Ética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 215.

Estes dois vocábulos levam-nos a perceber que o espaço ético humano instaura-se no reino da contingência (isto é, naquilo que é possível, naquilo que pode ser necessário, ou naquilo que é livre e imprevisível, porque se dá dentro de possibilidades e probabilidades); enquanto que, a natureza está no domínio da necessidade, porque ela é necessidade dada, sempre a sucessão do mesmo.

O mundo do *ethos*, da ética, começa a surgir, no mundo antigo, segundo o modelo do cosmos ou da ordem da natureza (modelo do cosmos = cosmocêntrico). Esta ética inicial concebida no modelo cósmico presidiu os primeiros ensaios pré-socráticos de uma ciência do *ethos*<sup>45</sup>

### 3.1.1 Conceito de ‘ethos’ para os povos antigos

Heráclito é o primeiro a fundamentar a unidade do *logos* à ordem do mundo e a conduta da vida humana. O *ethos* verdadeiro, o modo de vida verdadeiro, deixa de ser a expressão do consenso ou da opinião da multidão e passa a ser o que está de acordo com a razão. O *ethos* dá-se como *logos* (razão) e não como *dóxa* (opinião).

No entanto, Sócrates é que vai ser o grande iniciador da ética. Ele concebe a virtude como fundamento. Não interessa apenas cumprir a lei, mas saber qual o sentido da lei. É uma tentativa de formulação da racionalidade da conduta.

Isto só foi possível, porque os gregos antigos instauraram a razão. Instaurar a razão significa dar sentido às coisas, isto é, explicar o porquê das coisas.

Enfim, a palavra *ethos* significava para os gregos antigos, a morada do homem, isto é, a natureza, uma vez processada mediante a atividade humana sob a forma de cultura.<sup>46</sup>

---

<sup>44</sup> O tema da ética – como indagação universal que percorre a história do Ocidente – traduz na contemporaneidade anseios, expectativas, crenças e desejos dos sujeitos sociais em seus mais diversos territórios. A procura de valores morais desperta, por vezes, sensibilidades religiosas, semeia plataformas políticas, traduz estados de espírito – mais ou menos racionais. Para o bem, do ponto de vista moral, comumente o sujeito se afirma sempre disposto. Pequenas traições desse bem apregoado - mazelas, misérias cotidianas, pequenezas - tendem a ser amainadas; ou convenientemente olvidadas da memória que cada indivíduo constrói de seus próprios atos. Porém, da convicção, necessariamente se deverá projetar pelos usos e costumes – mas também pela crença – hábitos de vida ética. Para recorrer às palavras de Vázquez, “do ponto de vista moral, o indivíduo deve sempre estar em forma, preparado ou disposto; e isto é o que se queria dizer, tradicionalmente, quando se falava numa pessoa virtuosa, como disposta sempre a preferir o bem e a realizá-lo”; ainda que o ser humano, enquanto tal, seja intrinsecamente sujeito a falhas de percurso, quando os imperativos da ação são postos na ação rotineira.

<sup>45</sup> ARISTÓTELES. *Ética a Nicômacos*. trad: Mário Gama Kury. 4ªed. Brasília: UNB, 2001. p. 85

<sup>46</sup> Palavra de origem romana para a qual não há correspondência exata no grego antigo. O vocábulo grego *paidéia* excede, como explica W. JAEGER, a carga semântica específica ao termo latino "cultura". JAEGER, W. *Paidéia*. São Paulo: Martins Fontes/UNB, 1989.

Para eles, o *ethos* representava o lugar que abrigava os indivíduos-cidadãos, aqueles responsáveis pelos destinos da pólis (cidade). Nessa morada, os homens sentiam-se em segurança. Isso significa que, vivendo de acordo com as leis e os costumes, os indivíduos poderiam tornar a sociedade melhor e encontrar nela sua proteção, seu abrigo seguro. A ética aparece, assim, como resultado das leis determinadas pelos costumes e das virtudes e hábitos gerados pelo caráter dos indivíduos. Os costumes representam, então, o conjunto de normas e regras adquiridas por hábito, enquanto a permanência destes define o caráter virtuoso da ação do sujeito. A excelência moral seria não apenas determinada pelas leis da cidade, mas também pelas decisões pessoais que geram as virtudes e os bons hábitos.

O *ethos* grego corresponde ao latim *mos* (mores), do qual deriva o termo moral. Como a pessoa, em seu agir moral, é, ao mesmo tempo, produto da natureza e da cultura, o *ethos* (ou moral), segundo alguns pensadores gregos (Platão, Aristóteles, Epicuro), serviria para regular os apetites humanos e controlar as suas inclinações e instintos mediante o uso da razão (*logos*)<sup>47</sup>. Eis por que ela surge quando o homem supera sua natureza instintiva e se torna membro de uma coletividade regida por leis racionais. Ora, vimos que, para tais filósofos, nenhuma comunidade humana pode sobreviver sem o mínimo de regras ou padrões de comportamento, ou seja, sem um código de condutas. O referido código normativo representa os ensinamentos que orientam nossas ações diante do mundo e, sobretudo, em face do outro.

A ética, com efeito, trata do comportamento do homem, da relação entre a sua vontade e a obrigação de seguir uma norma, do bem e do mal, do que é justo e injusto, da liberdade e da necessidade de respeitar o próximo.

### 3.1.2 Conceito de ‘ethos’ na modernidade e pós-modernidade

Grandes transformações ocorreram no ciclo histórico da humanidade desde a experiência filosófica e democrática vivida pelos gregos antigos, quando instauraram a razão, desmistificando preconceitos e mitos, e quando derrotaram tiranias, instando o cidadão no poder, há dois mil e quinhentos anos atrás.

O mundo conheceu o poder monárquico que usurpou o poder do cidadão; surgiram novas descobertas filosóficas, científicas e invasões territoriais em nome da civilização,

---

<sup>47</sup> PLATÃO. *República*. São Paulo: Abril, 2000 (Coleção Os Pensadores). p. 173.

transportando modos distintos e diferenciados de viver; veio à derrocada das monarquias e impérios, fato que conclamou os indivíduos a uma nova postura ante os assuntos políticos.

Emergiu, ainda, uma era de revoluções e guerras: a Revolução Francesa, a Inglesa, a Americana, o Manifesto Comunista, o Nazismo, o Fascismo, a Guerra Espanhola, as I e II Grandes Guerras Mundiais, e mais recentemente, as duas Guerras do Golfo e outros tantos conflitos nacionais e internacionais que incandesceram e continuam a incandescer as consciências dos povos.

E hoje, com o advento de novas técnicas, tecnologias e processos mais agressivos de globalização, as mudanças ocorrem de forma muito mais complexa, acelerada e de modo escamoteado e camuflado que exige uma atitude crítica apurada.

Portanto, falar sobre ética é ter em mente todo esse elenco de fatos e acontecimentos. No entanto, os eventos e fenômenos humanos estão sujeitos às interpretações as mais distintas e diferenciadas quanto às visões sócio-econômica-política e cultural. Inclusive, o próprio ser humano, dada a sua complexidade, continua um ilustre desconhecido.

A maior generalidade da ética é sustentada por Kant<sup>48</sup>, que situa como morais os eventos que dizem respeito à conduta subjetiva; e como éticos aqueles associados à moralidade incorporada nas práticas e instituições de determinada comunidade, fornecendo critérios consensuais para que qualquer pessoa faça distinção entre bem e mal, entre justo e injusto, entre certo e errado. Para Kant, aliás, uma norma moral pode ser generalizada e atingir a condição de norma ética, desde que seja aplicável a todos os seres dotados de razão.

Esta, tomada enquanto princípio fundante das normas éticas estabelece que agir eticamente significa orientar-se segundo máximas capazes de estabelecer as formas corretas de conduta. Tais máximas são, na visão kantiana, normas estabelecidas pela faculdade do discernimento, que, tendo em vista o universal, institui regras para as situações particulares.

Assim, um juízo ético pode ser qualificado de concreto quando engloba tanto a máxima universal, ou seja, o princípio genérico que norteia a ação, quanto à regra particular, aplicável a cada situação específica do viver humano.

---

<sup>48</sup> VANCOURT, Raymond., *Kant*. Lisboa: Edições 70. 1987. p. 74.

### **3.2 Pano de fundo como referencial para a vida da comunidade a partir da Proposta Político Pedagógica do CEEI “Artur Montanha”**

O Projeto Político Pedagógico do CEEI “Artur Montanha” a priori, visava o bem estar das crianças com idade entre 0 e 6 anos que estavam inseridas em uma comunidade, que na pesquisa de campo realizada no ano de 2004, apresentava a inexistência de local adequado para a sociabilidade desses pequenos.

Enquanto educadores, o primeiro objetivo fomentado foi a elaboração de Proposta Pedagógica que contemplasse local onde os cuidadores pudessem dar origem a um espaço lúdico e de aprendizagens múltiplas a partir do Ensino Bíblico, por se tratar de instituição vinculada à Igreja Assembleia de Deus. O currículo estaria pautado no ensino bíblico, com vistas à alfabetização e formação do caráter cristão das crianças.

A pesquisa de campo, in loco, demonstrou, ainda, uma das mais cruéis faces da sociedade; tratava-se de crianças vivendo e convivendo em um contexto de altíssimo nível de criminalidade e drogadição. Uma comunidade totalmente à margem da sociedade. A partir dessa situação o grupo de educadores inseriu na proposta pedagógica o diálogo entre instituição e comunidade, dando origem a espaços terapêuticos, em que tanto educandos quanto seus familiares seriam, novamente, socializados.

Seria neste momento apropriado mencionar o cuidado como modo-de-ser-essencial de Boff, que diz: “Cuidar é mais que um ato; é uma atitude”<sup>49</sup>. O cuidado entra na natureza e na constituição do ser humano. Sem esse cuidado ele deixa de ser humano. Nesse ínterim, pode-se destacar a mais abrangente e formal intencionalidade da instituição de ensino e seus colaboradores junto à comunidade e instituição eclesial: dar testemunho da ética como ação e postura libertadora, solidária e justa.

Foi nesse processo de interdisciplinaridade que se buscou a colaboração mútua entre Teologia e Educação, na incumbência de facilitador proponente da reestruturação sócio-educativa de famílias residentes em áreas de altíssimo risco de morte e elevados índices para doenças psicoativas. Tendo como foco a criança e como agente performativo, o Ensino Bíblico com todas as nuances educativas exigidas para cada faixa etária, buscando a plena socialização dessas crianças.

---

<sup>49</sup> BOFF, Leonardo. *Saber Cuidar. Ética do humano – compaixão pela terra*. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 33.

Ainda, o CEEI “Artur Montanha” promoveu a Educação Social que prima pela formação integral do indivíduo, envolvendo o crescimento pessoal, a consciência da cidadania e a possibilidade de sua inserção na sociedade.

### 3.2.1 Pedagogia Social e formação integral da pessoa humana

Guareschi afirma que ética é “uma instância crítica e propositiva do *dever ser* das relações humanas que se constitui através da ação comunitária”<sup>50</sup>; sendo assim, pode-se dizer que a proposta de uma educação social foi efetivada através do ensino bíblico, numa comunidade que vivia explicitamente à margem da sociedade. Nesse sentido, a socióloga Marlene Ribeiro classifica Educação Social como:

Tanto como política pública quanto como iniciativa de instituições e/ou organizações sociais, a Educação Social está voltada, pelo menos a princípio, para a formação do(a) cidadão(ã). Apresenta uma visão crítica, mas sem aprofundá-la, da sociedade que produz as condições materiais e sociais de vulnerabilidade e/ou de exclusão social de adultos, jovens e crianças<sup>51</sup>.

O fator condutor para essa tarefa educacional estava apoiada no diálogo como método da ação comunitária; na autocrítica como modelo de ação comprometida, direcionando o indivíduo para uma vida de inovação como forma, instruindo as pessoas da comunidade para o re-ingresso no mercado de trabalho; enfim, na honestidade como norma condutora do ‘ethos quo’.

A interação entre comunidade escolar e eclesial favoreceu a implantação da educação social<sup>52</sup> como meta de transformação do ‘ethos’ da comunidade, promovendo a consciência social.

Outro fator que contribuiu para a morfogênese foi o comprometimento dos pais junto à instituição que priorizou a educação como resgate da dignidade humana. Essa contribuição dos pais promoveu, ainda, o envolvimento de toda a sociedade nos projetos escolares.

---

<sup>50</sup> O autor descreve a frase com maior precisão: “Tal enunciação deve ser explicada em detalhe. Primeiramente, ética é uma “instância”, isto é, um patamar, uma situação; mas tal patamar não é fixo e definitivo: é crítico, isto é, inacabado, sujeito a contínua mudança, como veremos a seguir.... Mas a instância não é só crítica: é também propositiva, isto é, afirmativa, apresenta propostas concretas. O *dever ser* é a própria dimensão valorativa das coisas, isto é, de como elas devem ser, boas; em contraposição ao que não devem ser, ruins”.

<sup>51</sup> SILVA, Roberto; NETO, João Clemente S.; MOURA, Rogério Adolfo. Pedagogia Social - (orgs.). São Paulo: Expressão e Arte Editora, 2009.

<sup>52</sup> RIBEIRO, Marlene no Artigo: *Exclusão e Educação Social: Conceitos em Superfície e Fundo*, menciona que: “Nos anos 90, em países como a França e Espanha, a Educação Social passou a focalizar crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social, tendo em vista a massificação do desemprego e seus resultados no que concerne à desagregação familiar e à violência social (INAME, 2003).

Projetando em todos os participantes sentimentos de pertencimento social. Aqueles que eram excluídos de algo passaram a sentir-se incluídos em algum tipo de atividade dentro do grupo.

Coube aos educadores a tarefa mais árdua e tênue do processo, entendendo que a metodologia dialética da Pedagogia Social se funda num processo de construção de saberes e se apropria criticamente da realidade para poder implantar seu agir transformador. A principal incumbência do educador, dentro “do processo de formação teórico-prático, era levar seus protagonistas a adquirir a capacidade de pensar por si mesmos, assumindo convicções próprias, analisando os acontecimentos com categorias teóricas para a interpretação da realidade em que vivem”<sup>53</sup>.

A partir dessa assertiva faz-se necessário implementar o assunto, lembrando que o ser humano caracteriza-se como sujeito biológico, psicológico, social e transcendente enquanto digno, livre, finito, histórico e inconcluso, simultaneamente, justo e pecador<sup>54</sup>.

Dentro do processo de formação teórico-prática prezou-se pela educação para a saúde enfatizando o diálogo sobre as dependências químicas e os desvios sociais; com incentivo das artes, principalmente, a música; e dos esportes na formação integral do ser humano.

Segundo Noddings, o ideal ético cultiva o diálogo, a prática e a ratificação<sup>55</sup>; quando atribuímos o melhor motivo possível consoante à realidade para o objeto do cuidado, nós o ratificamos; ou seja, nós lhe revelamos uma imagem atingível de si mesmo que é mais atraente do que aquela manifestada em seus atos presentes. Em um sentido importante, nós o abraçamos como alguém que está conosco na devoção ao cuidado integral.

Vale ressaltar que dentro de toda essa interação houve a participação ativa da instituição religiosa, pois foi inserido no calendário litúrgico o planejamento anual escolar, em que as datas comemorativas tinham a participação dos alunos, pais e toda a comunidade vigente.

### 3.2.2 O Ensino Bíblico e a transcendência humana

---

<sup>53</sup> GRACIANI, Maria Stela Santos. *Pedagogia Social*. SILVA, Roberto; NETO, João Clemente Souza; MOURA, Rogério Adolfo. (orgs.). São Paulo: Expressão e Arte Editora, 2009. p. 215.

<sup>54</sup> LUTERO, Martim. *Da Liberdade Cristã*/Martim Lutero; tradução de Walter Altmann - 5ª ed. – São Leopoldo : Sinodal, 1998.

<sup>55</sup> NODDINGS, Nel. *O cuidado: uma abordagem feminina à ética e à educação moral*. São Leopoldo: Unisinos, 2003. p.57.

O Ensino Bíblico enquanto agente performativo da comunidade em questão, aconteceu e acontece em forma de contextualização da Bíblia Sagrada; em toda a sua estrutura seja do Antigo e Novo Testamentos, passando, principalmente pelos Evangelhos e destacando os discursos de Jesus que ensinava a todos com autoridade, pertinência e usando métodos didáticos variados. Ele é o Mestre dos mestres.

A transcendência humana pode ser descrita como a transposição da realidade humana natural, como bem cita o catedrático teólogo Otto, seria o encontro entre o Numinoso (Deus) e o ser humano. Diz, ainda que no momento desse encontro, o “assombro então retorna na forma infinitamente enobrecida daquele intimíssimo estremecimento e emudecimento da alma até suas mais profundas raízes”<sup>56</sup>. Talvez seja uma das mais aterrorizante e bela experiência humana.

O escritor aos Hebreus (4.12) menciona que: “... a Palavra de Deus (Bíblia Sagrada) é viva e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e apta para discernir os pensamentos do coração”. A Palavra de Deus (Bíblia Sagrada) enquanto agente performativo do ‘ethos’ da comunidade tem o poder de levar as pessoas ao reconhecimento do senhorio de Jesus Cristo e seu poder transformador através da transcendência humana.

Neste íterim, foram desenvolvidos na Proposta Pedagógica princípios norteadores que poderiam exemplificar todo o contexto apresentado até o presente momento, os quais promovem:

*Somente Jesus Cristo pela Escritura, pela Fé e pela Graça*

A reflexão contextualizada da Bíblia Sagrada traz-nos a vocativa de que eu me encontro enquanto olho para Deus, revelado em seu Filho, Jesus Cristo; e, por conseguinte, para o meu próximo. Há um lugar onde Deus e a realidade do mundo são reconciliados, onde Deus e o ser humano se tornaram um só, e somente por isso é possível abranger Deus e o mundo com o mesmo olhar. Este lugar não fica em qualquer parte além da realidade no mundo das ideias; fica em meio à história, como milagre divino: é a encarnação do unigênito de Deus, Jesus Cristo, que reconcilia o mundo a Deus. Como consta no programa do CEEI, especificamente no Propósito e Princípios Norteadores da Instituição.

---

<sup>56</sup> OTTO. 2007, p. 49.

A proposta pedagógica do CEEI “Artur Montanha”, proclamava ainda, o amor a Deus, ao próximo e a si mesmo; o incentivo aos dons nas vocações e profissões; a promoção da espiritualidade para a plenificação da vida; e, vivências de paz, esperança, justiça e amor para uma sensibilidade solidária; idealizando a promoção da dignidade humana na parcela da sociedade da vigente pesquisa.

Há de se identificar cada um dos temas mencionados acima e buscar descrevê-los dentro das possíveis proposições da equipe de trabalho junto à comunidade referida.

### 3.2.2.1 Somente Jesus Cristo

Jesus Cristo – dois termos hebraicos em transliteração para o grego, ficam assim identificados: o vocábulo Cristo procede do adjetivo grego *Christós*, que é uma tradução grega do hebraico “*Mashiach*”, isto é, “*Messias*”, que significa “*Ungido*”. Ou O Ungido de Deus.

O nome Jesus é a transliteração do nome pessoal masculino grego, “*Iesous*”, que é a forma grega do nome judaico “*Yesua*”. Por sua vez, “*Yesua*” vem da raiz hebraica “*Jehoschua*”<sup>57</sup>, que significa ajudar, salvar, socorrer.

Este nome, Jesus, designa o aspecto misericordioso e humano de Cristo e o objetivo de sua vida: “salvará o seu povo dos seus pecados” (Cf. Mt 1.21). Outros Significados:

- A) O único meio de salvação (Cf. At 4.12/ I Tm 2.5,6);
- B) O Nome ímpar e singular para remissão de pecados (Cf. At 10.43/ Gl 3.22);
- C) O Nome capaz de vencer as forças espirituais da maldade (Cf. Mc 16.17,18/Lc 10.17/ At 16.18);
- D) O Nome capaz de mover as mãos de Deus a favor dos homens (Cf. Jo 14.13,14). Então, o Nome de Jesus representa sua obra Salvífica e o seu caráter humano e compassivo com a humanidade.

O teólogo Otto, afirma que “assim sendo, a primeira obra direta de Cristo, tal como hoje ainda conseguimos entender em toda sua clareza e brilho, é o efeito e a concessão de salvação em esperança e posse mediante despertamento da fé no Deus dele e no reino de Deus”<sup>58</sup>.

---

<sup>57</sup> FRIBERG, Barbara. FRIBERG, Timothy, ed. *O Novo Testamento Grego Analítico*, 1ª ed., 1987, SP. Vida Nova. Pág. 59.

<sup>58</sup> OTTO. 2007. Pág. 200.

Jesus Cristo é o tema central da Bíblia Sagrada e o âmago de todos os objetivos do Projeto Político Pedagógico do CEEI “Artur Montanha”. Levou a equipe de educadores a acreditar que o ensino bíblico, pelo poder transformador d’Ele (Jesus Cristo), favorecido pela Fé e Graça dispensadas pelo principal aspecto de sua divindade, a misericórdia pelos menos favorecidos que, de certa forma, teriam acesso ao Numinoso<sup>59</sup>. Lutero diria que “nosso Deus é um Senhor surpreendente, que não faz as contas e estimativas como o mundo, que Ele toma o partido dos pequenos e humildes”<sup>60</sup>. O teólogo Leon diria que: “Jesus sabia que há uma imago Dei inclusive no pior dos seres humanos e que, por causa do pecado, a imagem de Deus está pedindo aperfeiçoamento. Cada ser humano necessita descobrir-se a si mesmo como tal, como um ser perfectível à luz de Jesus Cristo”<sup>61</sup>.

Esta seria a razão, pela qual a equipe de educadores do CEEI “Artur Montanha” acreditou que, no escrutínio de toda a devassidão daquela comunidade carente de Deus e de cuidado humano, onde o imanente e o transcendente se encontram, havia a possibilidade de favorecer uma pequena parcela da humanidade estabelecida às margens da sociedade. Contemplar a transformação sócio-cultural e educacional desse grupo de pessoas é o mesmo que contemplar a face de Deus.

### **3.2.2.2 Pela Escritura**

Apesar de todas as retaliações e, por vezes, a intenção de desclassificar a Bíblia Sagrada enquanto Palavra de Deus, existentes nas mais diversas linhas teológicas, ela é, por meio de sua contextualização, o principal agente do processo sócio-educacional da proposta de educação infantil desta pesquisa; por motivos já mencionados no ponto anterior e que buscar-se-á implementar neste e no próximo ponto.

Entende-se que a reflexão contextualizada das Sagradas Escrituras fomenta a formulação de valores e princípios que irão orientar tanto as crianças quanto seus familiares para uma boa conduta frente à sociedade, e consigo mesmo.

É prerrogativa, ainda, para a religiosidade pessoal e o preparo acadêmico, promovendo sua relação com a fé, buscar ser honesto quanto a sua própria crença estabelecendo um diálogo a partir da experiência do aprendente em sua reflexão tendo como base a proposta da Bíblia. Ninguém é obrigado a crer, mas o conhecimento dos valores

---

<sup>59</sup> Termo emprestado de Rudolf Otto, em sua Obra: “*O Sagrado*”.

<sup>60</sup> OTTO. 2007. p. 132.

<sup>61</sup> SANTOS, Hugo N. (editor). *Dimensões do cuidado e aconselhamento pastoral: contribuições a partir da América Latina e do Caribe* /– São Paulo: ASTE; São Leopoldo, RS: CETELA, 2008. Vários autores. p. 89.

universais como: amor, respeito, solidariedade, bondade, responsabilidade, participação e colaboração promovem a interdisciplinaridade, e, por conseguinte a formação do sujeito ético.

### 3.2.2.3 Pela Fé

A fé segundo o escritor aos Hebreus 11.1, traduz-se da seguinte maneira: “Ora, a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que se não vêem”. Há nesta assertiva um prelúdio de esperança; de luz no fim do túnel. Thomás de Aquino<sup>62</sup> diria que esta não seria uma definição, propriamente dita, mas sim, a essência da fé; que demonstra seus resultados. Portanto, ela fornece fundamentos sobre os quais o ser humano se sentirá seguro, podendo repousar com a convicção de que essas coisas existem e acontecerão.

A fé gera expectativas, faz a pessoa refletir e agir; transformando em uma confiança pessoal ativa. Desencadeia-se, a curiosidade, a certeza do *ser mais*<sup>63</sup> no mundo; ou apenas a certeza do existir. E a esperança no que está por vir; quando a pessoa confia, plenamente, em Deus através de seu filho Jesus Cristo, os resultados serão bem mais abençoados e reais, evidenciando uma transformação pessoal e um despertar da consciência social.

Uma inter-relação acontece entre a descrição de fé, supracitada, e a comunidade em estudo, a partir da afirmação do teólogo Sathler-Rosa: “Um certo sentimento de *vazio existencial*, comum a muitas pessoas, destrói as relações humanas e o sentido de dignidade. Comunidades de fé podem ser espaços de resistência ao atual clima social marcado pelo *vazio do nada*”<sup>64</sup>. Complementando esta frase, lembramos de um determinado momento, em que a equipe de educadores e direção eclesial foi surpreendida numa conversa informal com um pai de aluno do CEEI “Artur Montanha”, que deflagrou a seguinte frase: “Vocês me fizeram ver que ainda tenho algum valor, pois para a sociedade eu não existia”. É o sentimento do *vazio do nada*, propriamente dito; mas o ensino bíblico aplicado como agente performativo do ‘ethos’ daquela comunidade, através da escola de educação infantil produziu nesse integrante do grupo, a fé, a esperança e o sentimento de pertença. Pode-se dizer que este integrante da comunidade chegou a esta conclusão após participar dos espaços terapêuticos oferecidos pela parceria entre o CEEI e a administração eclesial, conforme descrito nos princípios norteadores da Instituição.

---

<sup>62</sup> THOMÁS DE ÁQUINO. *Coleção Os Pensadores*. República. São Paulo: Abril, 2000. p. 190

<sup>63</sup> FREIRE, Paulo., *Pedagogia da Esperança*. 1994. p. 145.

<sup>64</sup> SANTOS, Hugo N. (editor). *Dimensões do cuidado e aconselhamento pastoral: contribuições a partir da América Latina e do Caribe* /– São Paulo: ASTE; São Leopoldo, RS: CETELA, 2008. Vários autores. p. 66.

### 3.2.2.4 Pela Graça

O termo *graça* é apresentado nas Escrituras Sagradas como favor imerecido de Deus, dado aos homens. Em sua carta aos Efésios (1.7), o apóstolo Paulo menciona que temos a “redenção pelo sangue de Cristo Jesus, a remissão das ofensas, segundo as riquezas da sua *graça*”, pois “pela *graça* sois salvos”(Cf. Ef 2.5,8).

Todo ser humano que pensa viver a espiritualidade, sabe que sua experiência espiritual acontece por ter sido agraciado imerecidamente, pela *graça*. E essa *graça* é dom de Deus não provém da vontade humana.

O teólogo Gutierrez dirá que:

A comunhão com o Senhor e com todos os homens é, antes de tudo, um dom [...] Saber, porém, que na raiz de nossa existência pessoal e comunitária se acha o dom da autocomunicação de Deus, a *graça* de sua amizade, enche de gratuidade a nossa vida [...] e faz aí brotar o verdadeiro amor.<sup>65</sup>

O autor menciona que a comunhão com Deus, através da gratuidade (*graça*), produz, automaticamente, o amor pelo próximo. Daí a preocupação de sociabilizar pessoas e famílias, devolvendo-lhes o direito de cidadania. Gutiérrez, ainda exemplifica a “experiência de gratuidade” na oração (comunicação com Deus), como segue:

A gratuidade de seu dom, que faz nascer a nossa oração, concede também à atitude de compromisso político-social uma dimensão mística. A ‘passagem’ para esse Deus gratuito me despoja, me desnuda, universaliza e torna gratuito meu amor aos demais.<sup>66</sup>

A *graça* de Deus nos constrange a encaminhar os menos favorecidos para o centro do Seu amor; a fim de receber, gratuitamente sua *graça* salvadora, que perpassa o ser humano atingindo toda sua existência seja físico, psíquico e espiritualmente.

Mcfague<sup>67</sup> assinala que “se existe uma palavra que a tradição cristã aplicou sem nenhuma reserva a Deus, essa é amor [...] A tradição afirma que Deus é amor; portanto, Deus exemplifica o amor, Deus é o modelo do amor”. A *graça* é, então, o exercício do amor de Deus, como dom de gratuidade.

---

<sup>65</sup> GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da Libertação: perspectiva*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1979. p. 174.

<sup>66</sup> GUTIÉRREZ, 1979. p. 172-176.

<sup>67</sup> MCFAGUE, Sallie. *Modelos de Dios: teologia para uma ecológica y nuclear*, Santander: Sal Terrae, 1994. p. 209.

### 3.3 Princípios Éticos e Morais relacionados ao PPP e à Instituição Assembleia de Deus

Os princípios éticos e morais relacionados ao Projeto Político Pedagógico foram enumerados no ponto anterior. Neste momento pretende-se relacioná-los à instituição Mantenedora Assembleia de Deus e suas prerrogativas para a implantação da Escola de Educação Infantil em comunidade onde, em sua maioria, havia pessoas que estavam marginalizadas e discriminadas frente aos parâmetros pré-estabelecidos pela sociedade.

Há uma excelente descrição dos parâmetros de sociedade vigente elaborada por Boaventura de Sousa Santos em sua obra ‘Reinventar a Democracia’, quando diz: “o contrato social é a expressão de uma tensão dialética entre regulação social e emancipação social que se reproduz pela polarização constante entre vontade individual e vontade geral, entre o interesse particular e o bem comum”<sup>68</sup>. Assim sendo, é o contrato social que regula a sociabilidade do indivíduo; “como qualquer outro contrato, o contrato social assenta em critérios de inclusão que, portanto, são também critérios de exclusão”<sup>69</sup>. São três os critérios:

1. O contrato social inclui apenas os indivíduos e suas associações. A natureza é assim excluída do contrato, e é significativo a este respeito que o que está antes ou fora dele se designe por estado de natureza. A única natureza que conta é a humana e mesmo esta apenas para ser domesticada pelas leis do Estado, e pelas regras de convivência da sociedade civil. Toda a outra natureza ou é ameaça ou é recurso;
2. O segundo critério é o da cidadania territorialmente fundada. Só os cidadãos são parte no contrato social. Todos os outros – sejam eles mulheres, estrangeiros, imigrantes, minorias (e, às vezes, majorias) étnicas (pobres e incultos – grifo nosso) - são dele excluídos. Vivem no estado de natureza mesmo quando vivem na casa dos cidadãos;
3. O terceiro, e último critério, é o do comércio público dos interesses. Só os interesses exprimíveis na sociedade civil são objecto do contrato. Estão, portanto, fora dele a vida privada, os interesses pessoais de que é feita a intimidade e os espaços domésticos<sup>70</sup>.

Portanto, a sociedade, hoje, é regulada por critérios excludentes que determinam qual indivíduo pode ou não ser participante dela. Assim, a equipe de trabalho do CEEI “Artur Montanha” junto à assistência da Igreja Assembleia de Deus, buscou desenvolver em toda a

<sup>68</sup> SANTOS, Boaventura de Sousa. *Reinventar a Democracia*. Fundação Mário Soares. Gradiva Publicações, Ida. Lisboa. Portugal. 1998. p. 5

<sup>69</sup> SANTOS, Boaventura de Sousa. 1998. p. 6.

<sup>70</sup> O contrato social é a metáfora fundadora da racionalidade social e política da modernidade ocidental. Os critérios de inclusão/exclusão que se estabelece vão ser o fundamento da legitimidade da contratualização das interações econômicas, políticas, sociais e culturais. A abrangência das possibilidades de contratualização tem como contrapartida uma separação radical entre incluídos e excluídos. Embora a contratualização assente numa lógica de inclusão/exclusão, ela só se legitima pela não existência de excluídos. Para isso estes últimos são declarados vivos em regime de morte civil. A lógica operativa do contrato social está, assim, em permanente tensão com a sua lógica de legitimação. As possibilidades imensas do contrato coexistem com a sua inerente fragilidade. p. 7.

SANTOS, Boaventura de Sousa. 1998. p. 8.

comunidade o senso crítico, a auto-estima dentro de um processo de acuidade transcendental; foi a interpretação bíblica que favoreceu a todo ser humano sem distinção, a reflexão intersubjetiva dando-lhes como referencial o encontro com o ‘Numinoso’, que não faz acepção de pessoa.

Dentro do conceito de ideal ético de Noddings, a partir do diálogo com a comunidade referenciada, a proposta da Igreja Assembléia de Deus estava pautada numa orientação integral do ser humano, delineando uma dimensão de espiritualidade com abrangência geral do ser.

Como descreve, também, o teólogo Guevara:

Que se parta de uma concepção integral do ser humano, como uma unidade biológica, psicológica, social e espiritual. Para isso, é necessário superar os tradicionais dualismos filosóficos gregos herdados durante séculos pela teologia cristã e aproximar-se mais da visão semítica da pessoa, que considera o ser humano como um todo integrado em suas dimensões “visíveis, invisíveis, somáticas, psíquicas e espirituais.”<sup>71</sup>

Esse diálogo, a priori, aconteceria a partir da inserção do ensino bíblico na alfabetização das crianças que freqüentassem o CEEI “Artur Montanha” com objetivos de abrangência a posteriori da família e comunidade como um todo.

Em pesquisa de campo anterior à implantação do projeto detectou-se que se tratava de comunidade de altíssimo nível de criminalidade e drogadição; daí a preocupação em oferecer espaços terapêuticos para todos os atores inseridos no contexto em vigência (a prática – no ideal ético).

A direção eclesiástica junto à direção da instituição de ensino entendeu que se tratava de uma problemática social, pois aquelas pessoas não viviam à margem da sociedade por livre e espontânea vontade, mas por circunstâncias diversas que os levaram à marginalidade, e, por conseguinte, à criminalidade e drogadição, ou vice-versa. Mas que contraíram um *modus vivendi* insuportável para eles, suas famílias e a sociedade em geral<sup>72</sup>.

Logo, as coordenações entenderam, ainda, que interagindo com esse grupo de pessoas orientando-os a uma espiritualidade a partir de Jesus Cristo, a Escritura Sagrada, a Fé e a graça de Deus, seria possível que se alcançasse a transformação social, inserindo-os novamente no mercado de trabalho, devolvendo-lhes a dignidade humana; promovendo a

---

<sup>71</sup> Santos. 2008. p. 138.

<sup>72</sup> Informações obtidas em pesquisa de campo realizada no semestre anterior ao início das atividades escolares. Inseridos no Plano de trabalho e princípios norteadores do CEEI.

auto-estima; e a sensação de *ser* no mundo, ou sentimento de pertença<sup>73</sup>. E, acima de tudo, que se ‘potencializasse uma espiritualidade a partir da graça de Deus; demonstrando a livre intenção de Deus em amá-los, de oferecer-lhes saúde, vida, salvação integral’ incondicionalmente<sup>74</sup>.

Dentro da prática-ação transformadora do ‘ethos’ da comunidade estavam em pauta o aconselhamento pastoral, que tinha como protagonista obreiro eclesial e coordenador de assuntos internos da instituição de ensino. Cabia-lhe o processo de encaminhamento e orientação aos pais portadores de doenças psicoativas. Tendo como princípio básico a valorização da corporalidade das pessoas sem, contudo, colocá-las em contraposição à espiritualidade, mas destacando suas capacidades emocionais e sociais, partindo de uma visão antropológica positiva integral.

Era de sua competência, ainda, a valorização e a busca da interação entre as pessoas com doenças psicoativas e seus familiares e amigos, indicando-os como co-participantes do processo de reabilitação, propiciando a solidariedade entre o grupo trabalhado.

O acompanhamento da reabilitação seria diário, proporcionado através do diálogo, da atenção, e aconselhamento indicando o caminho do Ser de Deus, e o indivíduo como a *Imago Dei* perfeita dEle, capaz de superar seus contextos de negação, promovendo o perdão e o auto-perdão, liberando-o de seu passado, e tornando-o um ser livre.

As famílias da comunidade recebiam atendimentos os mais diversos; futuras mães que precisavam de ajuda para compor o enxoval do bebê; a hora do nascimento, com vistas ao transporte; nas horas de luto, a mais conturbada de todas as situações. Por vezes, o salão eclesial foi testemunha das tristezas e sofrimentos de familiares e amigos por suas perdas humanas.

Com vista a todas essas imbricações, houve por parte das administrações eclesiástica e educacional um referendo de aprovação da execução do Projeto. E, passados 5 anos de funcionamento, percebe-se que os objetivos foram alcançados. São estes resultados que a presente pesquisa pretende analisar; e pôde ser constatado no capítulo anterior através das análises das entrevistas com grupo de pais e coadjuvantes da comunidade.

---

<sup>73</sup> Informações inseridas nos princípios norteadores do PPP do CEEI.

<sup>74</sup> SANTOS. 2008. p. 138

### 3.4 Correlações e implicações existentes entre O ‘Ethos’ da Comunidade, a proposta do PPP e princípios de base Ética da Assembleia de Deus

A partir de todas as definições e declarações descritas até o presente momento, pode-se facilmente identificar que o ser humano ético é resultado de uma construção ética, ou seja, o ser ético é construído e não instituído em si mesmo. Ele é a soma do ambiente sócio-cultural e educacional que convive e as normas pré-estabelecidas pela comunidade local.

Dentro dessa realidade local, deve-se destacar nesse momento, ainda, a questão das atividades que influenciarão a formação do caráter ético ou não ético. As dimensões dessa formação do indivíduo ético ou não estão diretamente relacionadas aos contextos de vivências e convivências, influenciando nas áreas de desenvolvimento seja: cognitivo, psíquico, intelectual ou espiritual.

O ser educado eticamente e os programas educacionais voltados para esse fim pressupõem a crença na tolerância, a marca do bom senso, da razão e da civilidade que fazem com que as pessoas possam se relacionar entre si. Pressupõem, também, a crença na possibilidade de formar este homem, ensinando a tolerância e a civilidade dentro do espaço e do tempo da escola e na comunidade. A ideia clássica de formação nos auxilia a compreender esse tópico.

A proposta de educação do ser humano enquanto membro de uma cultura foi apresentada primeiramente pelos gregos como *paidéia* (formação). ‘Os gregos viram pela primeira vez que a educação tem de ser também um processo de construção consciente. ‘Constituído de modo correto e sem falhas, nas mãos, nos pés e no espírito’ (...)’<sup>75</sup>. Só a este tipo de educação se pode aplicar com propriedade a palavra formação, tal como a usou Platão<sup>76</sup> pela primeira vez em sentido metafórico, aplicando-a à ação educadora. A educação grega não é uma soma de técnicas e organizações privadas, orientadas para a formação de uma individualidade perfeita e independente. Era a coletividade que visava e nela que se constituía como uma formação integral do homem e não como um mero adestramento. Por isso, para os gregos, a *paidéia* buscava imprimir nos membros da sociedade a *areté*<sup>77</sup> (a palavra grega para virtude) de modo que pudessem se reconhecer como responsáveis e realizadores dos valores de sua sociedade.

---

<sup>75</sup> JAEGER, Werner . *Paidéia*. São Paulo, Martins Fontes. 1986. p.58

<sup>76</sup> PLATÃO. República. São Paulo: Abril, 2000 (*Coleção Os Pensadores*). p. 23

<sup>77</sup> W. Jaeger, a carga semântica específica ao termo latino "cultura". Jaeger, W. *Paidéia*. São Paulo: Martins Fontes/UNB, 1989.

Portanto a ética é um modo de vida, uma necessidade instituída que se encontra no campo da liberdade. A ética é, então, autodeterminação da *práxis*, da ação humana e institui o momento do poder se rompendo com a sucessão do mesmo.

A *práxis* ou a ação humana é fruto da vontade subjetiva através do hábito – que é a singularidade do sujeito ético. Como vontade subjetiva a ação ética manifesta a virtude, o bem moral e como vontade objetiva a ação ética produz a lei.

Entretanto, é bom estar atento porque o indivíduo não é uma molécula livre. Ele estabelece relações bastante complexas nas principais instâncias sociais: no econômico, ao trabalhar e consumir; no cultural, ao aprender e criar, no político, ao reivindicar e consentir e no social, ao participar e receber.

Contudo, essas relações não são tão harmoniosas. Nelas aparece o conflito ético. Surge o campo dos valores, e o seu portador é o indivíduo ético. De um lado há a tendência à manutenção de padrões estéticos, sociais, linguísticos, etc. De outro lado, há um movimento no sentido da produção de inovações que rompem com a normatividade tradicional.

Esse conflito ou tensão, que é um movimento dialético, acontece porque o homem é um animal político por natureza, quer dizer: é da natureza humana buscar a vida em comunidade, o que significa não só que a política não é uma simples convenção – *nómos*<sup>78</sup>, mas que é, também, uma coisa natural, uma necessidade; além disto, dentro da comunidade o indivíduo vai encontrar normas instituídas sem que ele tenha contribuído para o estamento delas. É o conflito do Um e do Outro, expressos enquanto comunidade, no privado e no público.

Ao analisar a comunidade da presente pesquisa, vê-se que as influências decorrentes fazem parte de uma pedagogia normativa local, incondicionalmente, às avessas das leis valorativas. Estavam intrínsecas na *práxis* da comunidade atividades distintivas; legalizadas por regimento interno, idealizadas por estamento apropriado à legislação do narcotráfico. Distantes do Poder público, de sociólogos, pedagogos e outros que pudessem interferir em seu ‘ethos quo’, a comunidade, praticamente, ficou refém de um organismo paralelo às do Estado. Famílias inteiras, e os próprios fornecedores e usuários estavam reféns de e em suas regras pré-estabelecidas<sup>79</sup>; induzidos pelo consumo de substâncias psicoativas<sup>80</sup> escravizadoras.

---

<sup>78</sup> FRIBERG, Barbara. FRIBERG, Timothy, ed. *O Novo Testamento Grego Analítico*, 1ª ed., 1987, SP. Vida Nova. p. 59.

<sup>79</sup> Importantes características de um sistema de família disfuncional dos dependentes de drogas foram definidas por Stanton e Todd (Becoña, 1982, ap. Rodriguez e De Santiago, 2003):

Havia, sobretudo, a necessidade de interferência, contudo as dificuldades eram as mais diversas. Neste íterim, os educadores do CEEI encontraram uma brecha, de onde poderiam ser alcançadas tanto as crianças quanto toda a comunidade do bairro.

Surgiu, assim, a oportunidade de intervenção e a chance de formação do ser humano ético; capaz de dialogar com a família, a escola e a comunidade em si.

Essa interferência só foi possível devido aos processos de inserções de atividades sócio-educativas junto à comunidade e, por conseguinte, a implantação do CEEI “Artur Montanha”; que proporcionou não apenas o diálogo com a comunidade, mas a intervenção socialmente favorável a todos os componentes do processo sócio-educacional.

Essa condição de conduta subjetiva dos sujeitos da referida comunidade não pode ser pré-julgada, pura e simplesmente, por seu *status* situacional, visto que, não havia critérios consensuais de avaliação de uma norma ética.

Dentro dessa proposição dialética entre: Instituição de ensino, Igreja e, Comunidade acredita-se que ficou caracterizada a Educação Popular, que pode ser entendida a partir da busca pela construção da emancipação social que promove a reinvenção do poder, ou seja, o empoderamento das classes populares gerando transformações substanciais na vida concreta.

A partir desse movimento dialético constitui-se uma cidadania emancipatória que começa pela participação ativa da comunidade nas decisões políticas, seja da própria comunidade ou no CEEI “Artur Montanha”, enquanto proponente da mobilização da comunidade através de projetos integradores entre as diferentes dimensões da vida social que tinham por objetivo interferir qualitativamente na realidade social de seus atores.

- 
1. Frequência elevada de dependência química de transmissão multigeracional
  2. Expressão primitiva e direta de conflitos com alianças explícitas;
  2. Uma ilusão de independência no paciente identificado como consequência de um envolvimento ativo com um grupo de iguais orientados para o consumo de drogas;
  3. Um vínculo estabelecido entre a mãe e o filho que se prolonga posteriormente em suas relações durante a vida;
  5. Uma incidência elevada de mortes prematuras, inesperadas e inoportunas;
  6. A dependência é uma pseudoindividualização que mantém a família unida mediante uma demanda ilusória de desafio e independência.

SANTOS, 2008. p. 134.

<sup>80</sup> A dependência de drogas se caracteriza por ser um estado de subordinação compulsiva, psicológica ou física, a uma substância psicoativa (Escobar, 1995). Ela acarreta um consumo abusivo, compulsivo e destrutivo que modifica o meio interno da pessoa consumidora (neuroadaptação). A conduta se torna compulsiva, apesar da deterioração que ocorre na saúde física, emocional, familiar, social, cultural e espiritual do sujeito.

SANTOS, Hugo N. *Dimensões do Cuidado e Aconselhamento Pastoral: Contribuições a partir da América Latina e do Caribe*. – São Paulo: ASTE; São Leopoldo, RS: CETELA, 2008. p. 186.

ESCOBAR, Raúl Tomás. *El crimen de la droga*. Buenos Aires: Eudeba, 1995.

Em face das histórias de vida descritas no capítulo dois deste trabalho, vê-se que o comprometimento assíduo dos educadores, colaborador eclesial para o aconselhamento pastoral e acompanhamento das famílias da comunidade, como também a participação ativa da Igreja Assembléia de Deus, promoveu através do Ensino Bíblico e, a partir: do diálogo e da prática, a ratificação<sup>81</sup> dos indivíduos proporcionando dinamismo na reformulação do processo sócio-histórico-cultural da população em estudo.

Dentre as problemáticas pertinentes ao contexto situacional antes da implementação do Projeto de Educação infantil estavam alguns aspectos psicossociais que foram muito bem destacados no artigo de Guevara, como segue:

Aspectos Psicossociais:

Principais problemas no entorno familiar: Um elemento de grande importância na compreensão da problemática da dependência de drogas é o entorno familiar em que a pessoa nasceu e cresceu. Nesse entorno, a pessoa desenvolve aspectos psicossociais e espirituais que terão influência no desenvolvimento da criança, adolescente, jovem e depois adulto.

Quanto à identificação de áreas problemáticas neste entorno, assinalaram-se a violência familiar – como uma das principais -, a ausência de limites claros, o desrespeito entre os membros da família, a mudança constante de residência, a perda de uma figura parental significativa (pai ou mãe) e o divórcio ou a separação dos pais, entre outros<sup>82</sup>.

São fatores identificados em pesquisa de campo na comunidade vigente, que teria sido uma das causas da disfuncionalidade familiar; mas que a Instituição escolar junto à Igreja Assembleia de Deus buscou promover a espiritualidade integral das pessoas inseridas neste contexto. Que buscou despertar na comunidade uma espiritualidade como “relação harmoniosa com um ser maior (Deus), com os demais, consigo mesmo e com a natureza da qual o ser humano faz parte [...]. Essa relação harmoniosa – que é uma relação de graça – ajuda a alcançar e manter o equilíbrio interno e a totalidade de sentido de que a pessoa precisa para afrontar a existência, suas dimensões, relações e problemáticas, entre as quais está o problema da dependência química. Este sentido de homeostase no ser humano se denomina de muitas formas: “entrar em paz”, “paz espiritual”, “serenidade”, “tranquilidade”, entre outras, e está radicalmente oposto à angústia e à desesperança”. Quando a graça e o amor de Deus

---

<sup>81</sup> NODDINGS, Nel. *O cuidado: uma abordagem feminina à ética e à educação moral*. São Leopoldo: Unisinos, 2003. p.59

<sup>82</sup> TIPACTI, José Galindo; MOLINA, Ida et al. *Factores de vulnerabilidad em famílias de Lima metropolitana com relación a problemas del adolescente com ênfasis en el consumo de drogas*. Lima: Centro Nacional para el Desarrollo y la Vida sin drogas, 2003.

alcançam uma pessoa em situações extremas de sofrimento, ela produz a mais rica sensação de paz e segurança que o ser humano possa sentir. O teólogo Otto assegura que:

... vivenciar o Sagrado em sua manifestação... não será por meios demonstrativos, mediante comprovação, pela aplicação de alguma regra ou de conceitos. Não conseguimos apresentar características conceituais, ... pois estaremos diante de uma revelação. Trata-se de um processo estritamente contemplativo, a psique abrindo-se e entregando-se ao objeto (ser supremo) para que ocorra a dádiva da proclamação e da obra fundadora de Jesus<sup>83</sup>.

A Bíblia Sagrada menciona em I João 4.10: “Nós amamos a Deus porque Ele nos amou primeiro”; e este amor nos liberta de todos nossos temores e mazelas, e faz-nos descansar à ‘sombra do onipotente’(Sl 91.1). Como menciona a Dra. Streck, “a imagem de Deus é central para entender o desenvolvimento da religiosidade do ser humano”<sup>84</sup>.

O Ensino Bíblico trouxe à lume a justificação do pecador mediante a graça de Deus. Dentre as prerrogativas de base ética da Igreja Assembléia de Deus<sup>85</sup> encontra-se o favorecimento à vida, ou seja, a indicação do caminho não apenas para uma vida mais digna, mas também a indicação para a vida eterna. E essa justificação do pecador pela graça de Deus é descrita por Forell com muita propriedade, quando diz:

O escuro poço da vida humana, trancado de fora e de dentro e a perder-se cada vez mais em abismos e impasses, é aberto com poder; a palavra de Deus irrompe para dentro dele; pela primeira vez, o ser humano reconhece Deus e o próximo na luz redentora. O labirinto de sua vida pregressa vem abaixo. O ser humano está livre para Deus e seus irmãos. Conscientiza-se de que há um Deus que o ama e aceita, que a seu lado há um irmão que Deus ama da mesma forma como a ele, que há futuro junto ao triúno Deus com sua comunidade. Crê, ama, tem esperança. Passado e futuro de toda a vida se fundem em uma só coisa na presença de Deus. O passado todo está abrangido pela palavra “perdão”, todo o futuro está guardado na fidelidade de Deus. O pecado passado foi afundado no abismo do amor de Deus em Jesus Cristo e nele superado, o futuro - sem pecado, será uma vida nascida de Deus (Jo 3.9). A vida se reconhece estendida de um a outro pilar da eternidade, da eleição antes do tempo do mundo até a salvação eterna<sup>86</sup>.

Todos os educadores, colaboradores e corpo de obreiros eclesiais acreditavam na transformação da sociedade, a partir do grande milagre de Deus, proclamado através do ensino bíblico na educação infantil, que era extensivo às famílias, pois os pequenos interagiam com seus pais e familiares compartilhando seu aprendizado bíblico. Igualmente, a

---

<sup>83</sup> OTTO, 2007. p. 200.

<sup>84</sup> STRECK, Gisela I, W, *Deus é pai – Deus é como um amigo: como falar de Deus com adolescentes no Ensino Religioso*. In.: BRANDENBURG, Laude Erandi et al. Fenômeno religioso e metodologias: VI Simpósio de Ensino Religioso - São Paulo : Sinodal/EST, 2009. p. 75.

<sup>85</sup> Credo Religioso da Igreja Evangélica Assembléia de Deus. Ponto 6: “Cremos: no perdão dos pecados, na salvação presente e perfeita e na eterna justificação da alma recebidos gratuitamente de Deus pela Fé no sacrifício efetuado por Jesus Cristo em favor da humanidade”.

<sup>86</sup> FORELL, George W. *Ética da decisão: introdução à ética cristã*. 5 ed. Revista São Leopoldo: Sinodal, 1994. p. 71.

instituição de ensino junto à instituição eclesiástica promovia frequentemente reuniões sócio-educativas e espirituais onde, a palavra que liberta e transforma era proclamada e assimilada pelos ouvintes, e assim, atingiu a comunidade em sua maioria, mudando a herança sócio-histórico-cultural daquela comunidade.

### **3.5 Resultados mensurados a partir da dialética comunidade, ‘ethos’, escola de educação infantil, instituição Assembleia de Deus**

Pode-se tomar como empréstimo uma das frases transcritas de um entrevistado da presente pesquisa: “Vocês me fizeram ver que ainda tenho algum valor, pois para a sociedade eu não existia” e assim delinear com a mais aproximada exatidão a medida dos resultados dessa atuação dialética multidisciplinar desenvolvida entre os personagens e instituições participantes.

Antes mesmo de proceder a transcrição dos resultados propriamente ditos, faz-se necessário lembrar que havia desde a pesquisa de campo efetuada no ano de 2004, que buscava conhecer a comunidade em questão, a intenção a priori do grupo de educadores de favorecer socialmente a comunidade do Bairro Solemar, na cidade de São José-SC. A equipe organizadora tinha conhecimento que se tratava de comunidade de altíssimo nível de drogadição e criminalidade. Situação bem dimensionada por Santos, como segue:

Onde as principais áreas da problemática situavam-se na dependência de drogas; pobreza; desemprego; violência nas ruas e maus-tratos na infância, entre outros. E a convivência em seu entorno favorecia o início ao consumo de drogas por curiosidade, aborrecimento, depressão, medos, solidão, ansiedade e impulsividade. Os problemas com a família também exerceram um papel importante para o início do consumo de substâncias psicoativas. Nesse sentido, a população total revela um déficit – desde tenras idades – de condutas afirmativas orientadas para a tomada de decisões saudáveis frente às problemáticas da vida<sup>87</sup>.

As declarações acima citadas são verossímeis em relação à comunidade em questão. Percebe-se que a primeira preocupação do grupo de educadores era proporcionar local adequado para as crianças com idade entre 0 e 6 anos, pelo fato de tratar-se de comunidade, onde pais (pai e mãe) tinham de se ausentar do lar para a obtenção do sustento.

As crianças pequenas (0 a 6 anos) ficavam, em sua maioria, sob a tutela de irmãos mais velhos (8 a 12 anos), o que favorecia o abandono e a irresponsabilidade, e ainda, o fácil acesso à drogadição; sendo que, como menciona Edwin no parágrafo anterior, não havia quem pudesse orientá-los sobre as conseqüências que essas substâncias psicoativas poderiam trazer

---

<sup>87</sup> SANTOS. 2008. p. 135

no futuro. Não existia o agente performativo do ‘ethos’, enquanto proposição de uma construção ética.

Retornando ao ‘educar é defender vidas’ de Assmann<sup>88</sup>, tem-se neste momento a importância da implantação da escola de educação infantil; um verdadeiro presente de Deus, não apenas para as crianças e a comunidade, como também para todos os envolvidos no processo: sejam educadores, colaboradores, obreiros eclesiais, mantenedores, entre outros. Todos favorecidos e agraciados por Deus. Como diria Lamb, em sua dissertação de mestrado: “Criança é presente” a autora menciona que “as crianças atuam na criação de relações sociais e nos processos de aprendizagem e na produção de conhecimento”, sendo assim a criança promove aprendizado no grupo em que está inserida. As crianças que freqüentaram e freqüentam o CEEI “Artur Montanha” atuaram como protagonistas da transformação social da comunidade. Como afirma Kramer, a visão que hoje mais se difunde entre aqueles que pensam a criança, atuam com ela e desenvolvem pesquisas e políticas públicas de que a infância é um campo temático de natureza interdisciplinar que não pode ser dissociado da compreensão da condição e da dimensão humana. E, ainda, afirma:

Porque na sua obra, a criança, filhote do homem, ser em maturação, cidadão do futuro, esperança de uma humanidade que não tem mais esperança é desalojada por uma criança *parte da humanidade*, fruto da sua tradição cultural, que é também *capaz de recriá-la, refundá-la*, criança que *reconta e ressignifica* uma história de barbárie, refazendo esta história a partir dos despojos de sua mixórdia cultural, do lixo, dos detritos, trapos, farrapos, da ruína. ... Desvelando o real, subvertendo a aparente ordem natural das coisas, as crianças, falam não só do seu mundo e da sua ótica; falam também do mundo adulto, da sociedade contemporânea, Imbuir-se desse olhar infantil crítico é aprender com as crianças e não se deixar infantilizar. Conhecer a infância passa a significar uma das possibilidades para que o ser humano continue sendo sujeito crítico da história que o produz<sup>89</sup>.

Assim sendo, tem-se a prerrogativa das crianças de educação infantil enquanto principal protagonista na nova criação de relações sociais da comunidade em que estavam inseridas. Esse protagonismo é descrito da seguinte forma por Cussianovich, e seus conceitos sobre a conceituação do protagonismo infantil: “Protagonismo verdadeiro só ocorre quando há *produção* de vida; há dignidade; promoção da vida individual e coletiva”<sup>90</sup>.

---

<sup>88</sup> ASSMANN, Hugo. *Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 26.

<sup>89</sup> KRAMER, Sonia. *Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças*. Cadernos de pesquisa, n. 116. São Paulo. 2002. p. 39.

<sup>90</sup> CUSSIÁNOVICH, Alejandro; MÁRQUEZ, Ana Maria. *Participação das crianças e adolescentes como protagonistas*. Documento elaborado para Save the Children. Rio de Janeiro: Save the Children, 2002.

Ao pensar a criança, como sujeito de construção da realidade (Piaget)<sup>91</sup>, pode-se facilmente detectar esse fator nas entrevistas realizadas com os pais da comunidade da pesquisa. Destacam-se alguns trechos de depoimento de pai de aluna do CEEI:

Especificamente, vamos começar pela minha vida, pois a minha filha chegava a casa cantando os hinos, criou o hábito de orar antes do café da manhã, almoço, café da tarde, janta. Ela não deixava a gente almoçar, tomar café que seja, sem estar fazendo uma oração, sem estar agradecendo pela comida que havia na mesa. E aquilo foi mexendo comigo. ... eu era uma pessoa que usava drogas numa quantidade bastante alta; era uma pessoa que consumia álcool; uma pessoa que à vista do mundo não teria mais jeito, era uma pessoa briguenta que puxava confusão por qualquer coisa. Eu não conseguia botar uma calça comprida, uma camiseta pra andar no dia-a-dia. Mas, assim, foi uma transformação na minha vida, completa; pois, ela trouxe pra minha casa o novo hábito de agradecer a Deus, trouxe o hábito de botar Deus à frente das coisas e aquilo mexeu muito com a minha estrutura (ontológica – grifo nosso).

A declaração explicitada pelo pai de uma criança de cinco anos, que freqüentava o CEEI “Artur Montanha” vem corroborar a ideologia de Cussianovich, pois fica caracterizado que o aprendizado bíblico socializado com os familiares estava fomentando uma tomada de decisão; ou seja, uma reviravolta nas relações da família. Note-se que o pai menciona que os hinos, a oração ensinada na instituição de ensino, e mais adiante serão mencionadas as histórias bíblicas, estavam promovendo a educação cristã familiar e a retomada a um contexto ético ou a performatização do ‘ethos’ das famílias inseridas na comunidade em questão. Verifica-se que, o intercâmbio entre aprendizado x criança e criança x comunicação e a família, caracteriza este pequeno ser humano, ainda em formação como protagonista da educação cristã e o ensino bíblico como agente performativo do ‘ethos’ da comunidade.

A problemática da drogadição é retomada, o pai menciona claramente qual era sua condição anterior a esse encontro com seu ser ‘ontológico’, que tanto a sociedade quanto ele próprio desconheciam, quando diz que: “eu era uma pessoa que à vista do mundo não teria mais jeito”; trata-se de um sujeito em total estado disfuncional quanto à sociedade. Faltava-lhe auto-estima, a desculpabilização e o sentimento de pertença; de sentir-se humano ou participante da humanidade, ao que os sociólogos, em geral, chamam de dignidade humana. O indivíduo em questão passa a perceber-se como humano a partir da inserção da imagem de Deus, enquanto restaurador, perdoador e amigo. Isto fica caracterizado nas declarações abaixo:

... por volta das 5 ou 6 horas da tarde, eu estava tendo início de overdose na minha sala, nessa época tinha só a Maria Antonia e o Welingon, e ali passou um tipo de um flash-back na minha mente. O que eu tinha feito; o que eu fazia, o que eu estava fazendo, que futuro eu estava mostrando pros meus filhos. De eu estar bebendo, estar me drogando. Muitas vezes eu fazia isso, eu os trancava muitas vezes no

---

<sup>91</sup> PIAGET, Jean. *A Construção do Real na Criança*. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

quarto, pra me drogar na sala. E, isso passou na minha mente como um flash-back; e Deus me mostrou o futuro que ia dar pra aquelas crianças. Qual era o futuro que eu tinha pra elas. E naquele dia, eu joguei o resto da droga que eu tinha ainda comigo, ... e o cigarro que eu estava fumando. Joguei fora a droga e a bebida. E pedi pra Deus transformar a minha vida, pra mudar o meu ser. E daquele dia em diante eu resolvi propositar a minha vida pra Deus. Resolvi, aceitar a Ele, deixar Ele tomar conta do decorrer da minha vida. ... E desde aquele dia, daquela hora eu não bebi mais, eu não fumei mais, não me droguei mais. Desde aquele instante, que eu propusitei a minha vida a Deus. Ele me libertou completamente: do vício do cigarro, do vício da bebida; das drogas.

O teólogo Otto dirá que neste ponto o personagem passou por uma experiência real com o ‘Numinoso’. É um sentimento de dependência ou ...

... sentimento confesso de dependência que, além de ser muito mais do que todos os sentimentos naturais de dependência, é ao mesmo tempo algo qualitativamente diferente. ... sentimento de criatura – que afunda e desvanece em sua nulidade perante o que está acima de toda criatura<sup>92</sup> – o ‘Numinoso’.

Não seria aqui desvendado um sentimento de dependência depreciativo, não; mas de descoberta, gratidão, confiança, amor, de esperança num futuro melhor para seus filhos: “Que futuro eu ia dar para aquelas crianças?”. A resposta instantânea de Deus foi tomada por apropriação do indivíduo, e automaticamente imbuída de responsabilidade e sentimento de perdão, graça e amor de Deus, dispensados àquela família e tantas outras que foram alcançadas através do Grande Milagre da transformação transcendental. George Forell descreve com exatidão esse encontro: Deus X ser humano, quando diz:

Só duas coisas podem preservar da queda final no abismo: o milagre de um novo avivamento da fé e o poder que a Bíblia chama de ‘aquele que detém’, *katechon* (II Ts 2.7). ... O milagre é a ação salvadora de Deus, que intervém a partir de cima, do além do historicamente alcançável e provável, que do nada cria nova vida, é ressurreição dos mortos<sup>93</sup>.

Na parábola do Filho Pródigo, descrita pelo evangelista Lucas (15.11-32), o pai afirma que ‘seu filho estava morto e reviveu’; assim como o filho pródigo os personagens dessas histórias de vida estavam mortos e reviveram, por isso concordamos com o evangelista que diz se tratar de ressurreição de mortos.

O milagre da salvação acontece por intermédio da fé, uma das prerrogativas de Lutero – salvação mediante a fé - e o poder que a Bíblia chama de ‘aquele que detém’ e o autor autodenomina de “o poder que se torna eficaz dentro da história pelo governo de Deus sobre o mundo, colocando limites ao mal. “Aquele que detém” não é Deus, não está sem culpa, porém Deus se vale dele para preservar o mundo da destruição”<sup>94</sup>. Entende-se nesta

---

<sup>92</sup> OTTO. 2007. p. 41.

<sup>93</sup> FORELL. 1994. p. 64

<sup>94</sup> FORELL. 1994. p. 85

assertiva que “Aquele que detém”, está representado pela Igreja e sua missão; a Igreja ‘detém’ o conhecimento da Palavra (Bíblia) e recebeu esta incumbência de anúncio e denúncia em favor daqueles que estão no limite, à beira do abismo; embora possua suas limitações, pois é administrada por seres humanos passíveis de erros, e por isso o autor menciona ‘não é Deus e não está sem culpa’. Contudo é o meio pelo qual Deus se utiliza para livrar o mundo da destruição.

A partir dessas elucidicações com referência à responsabilidade da Igreja, torna-se plausível neste ponto destacar que a Igreja Assembléia de Deus, local (São José-SC) soube observar o que Jesus declarou no Evangelho de Mateus 25.31-46<sup>95</sup>; quando diz que todo aquele que amparasse um dos ‘seus pequeninos’ (os menos favorecidos) a Ele estaria acolhendo; a Instituição soube entender que é portadora da graça e do amor de Deus e imbuída de poder outorgado para mudar a história da humanidade, se não de toda a humanidade, mas de pelo menos aquela parcela que está no seu entorno. Esta é a tarefa primordial e exclusiva da Igreja Universal.

E, assim, fica entendida a correlação existente entre comunidade, ‘ethos’, escola de educação infantil, instituição Assembleia de Deus, em que 80% da população, passou a participar da ‘nova’ comunidade como mencionado na citação abaixo, por Edwin Mora Guevara:

O senso de pertença é relacionado pela população com a possibilidade de recuperar relações com a família e com a sociedade que foram deterioradas por sua condição. Também o relacionam com a recuperação do senso de dignidade da pessoa, com o fato de serem aceitos e se sentirem membros úteis da comunidade. O CEEI “Artur Montanha” (grifo nosso) é indicado pelos participantes como um modelo de aprendizagem do senso de pertença<sup>96</sup>.

A afirmação acima vem corroborar com o que foi descrito até o momento, e ainda, pelos depoimentos dos participantes da pesquisa, como seguem na descrição de algumas frases:

- A) Eu nasci de novo;
- B) Os valores aprendidos sejam éticos ou morais promovem a esperança de um mundo melhor para nós e nossos filhos;
- C) Os princípios cristãos aprendidos no CEEI, a criança repassa para nós quando chega em casa;

---

<sup>95</sup> A BÍBLIA ANOTADA. The Ryrie Bible / Texto bíblico: Versão Almeida, Revista e Atualizada, com introdução, esboço, referências laterais e notas por Charles Caldwell Ryrie; Mundo Cristão, 1994.

<sup>96</sup> SANTOS. 2008. p. 137

D) O conhecimento dos princípios divinos nos dá a chance de construir uma sociedade melhor;

E) O mais importante para mim, além do ensino cristão, é a total confiança que tenho nos educadores;

F) Estudar no CEEI serviu de base para o cristianismo na vida de nosso filho e um presente de Deus, pois tínhamos grande necessidade que nosso filho estudasse em um local com aquela estrutura para podermos trabalhar despreocupados;

G) No mundo de hoje já vimos e ouvimos notícias de coisas que são feitas com crianças, agressões dentre outras, e sabemos que no CEEI além de obter o conhecimento secular, eles aprendem a palavra de Deus que é o mais importante; gostaria que meus outros filhos estudassem nessa escola.

“Deus é glorificado quando se faz justiça a uma de suas criaturas, quando se lhe restitui seu valor e se lhe dão amor, atenção, esperança, saúde. Pois os interesses de Deus coincidem com o bem de seus filhos<sup>97</sup>”; esta frase resume bem nosso sentimento como participante de todo o processo, desde pesquisa de campo ao desfecho final de coleta dos resultados destes cinco anos de funcionamento do CEEI “Artur Montanha”.

---

<sup>97</sup> HOCH, Lothar Carlos. HEIMANN, Thomas. *Aconselhamento Pastoral e espiritualidade* – São Leopoldo/EST : Sinodal, 2008. pág. 31.

## CONCLUSÃO

A situação socioeconômica global tem obrigado principalmente as pessoas das classes *c* a *e* a se ausentarem do convívio de suas famílias, pais são praticamente forçados a buscar recursos financeiros fora do lar. Esta prerrogativa foi o tilintar dos sinos para os educadores do CEEI “Artur Montanha” que tiveram a preocupação com a criança que precisava de um local seguro para ser atendida e receber educação de boa qualidade.

Outrossim, pode-se destacar que o Ensino Bíblico enquanto agente performativo do ‘ethos’ daquela comunidade inaugurou “Um Novo amanhecer” e novas possibilidades de vivências e convivências entre os indivíduos partícipes daquele grupo de pessoas; incentivados por seus filhos que recebiam educação cristã adequada e repassavam aos seus pais e demais familiares.

A transformação social só acontece em meio ao diálogo, à descoberta das causas dos danos vigentes no seio da comunidade, a conscientização de pelo menos 90% dos integrantes do grupo, a solidariedade e o apoio de profissionais. Nesta comunidade, conforme mencionado neste trabalho de pesquisa ficou explícita a participação ativa: dos educadores, direção e o aconselhamento pastoral por parte da Instituição de Ensino de Educação Infantil; o calendário escolar inserido no calendário litúrgico e o acompanhamento diário, por parte da Administração Eclesiástica da Igreja Assembléia de Deus; e a aceitação e participação da comunidade nos processos de reintegração social.

Se visualizado do âmbito sócio-histórico-cultural e espiritual essa rede de informações e acompanhamentos propiciou a transformação do ‘ethos quo’ dessa parcela da sociedade; lembrando que o principal agente deste processo foi o Ensino Bíblico tão mencionado nas entrevistas descritas no capítulo II deste trabalho.

As incertezas sociais da atualidade podem de certa forma, e em determinadas grupos sociais ofuscar ou até mesmo desacreditar de que uma simples atuação de escola de educação infantil poderá interferir e promover transformações tão profundas e exímias dentro do grupo. Mas a partir da presente pesquisa fica o registro desta possibilidade que se aplicada com responsabilidade e ênfase na sensibilidade solidária, poderá, sem dúvida alguma, promover em diversos grupos em situação de risco ou não, a transformação social almejada.

Neste ínterim, pensa-se a Educação Cristã, com embasamento do Ensino Bíblico, enquanto instrumentos facilitadores da formação de cidadãos comprometidos com a família, com a sociedade, e principalmente, com Deus. E capazes de se transformar em agentes promotores do bem estar de outrem.

O grupo de educadores e a administração eclesiástica chegaram à conclusão que a aplicação deste Projeto promoveu no grupo de profissionais a auto-realização e satisfação espiritual; lembrando que tudo o que foi realizado até o presente momento exigiu de todos, sem exceção, auto-doação, partilha, prorrogação de algumas realizações pessoais. Mas que em tempo algum houve ou haverá questionamentos desfavoráveis quanto às possíveis ‘perdas’ existentes dentro do processo executado.

E para finalizar, entende-se que em todo processo de educação cristã a potente mão de Deus esteve agindo em favor dos menos favorecidos, que viviam à margem, envolvidos pelo desprezo e desprovidos de tudo, e principalmente de amor. Mas o Deus onipresente atentou para esta pequena parcela da sociedade cósmica e os protegeu ‘sob suas asas’ (Sl 91.4); não obstante uma grande maioria da comunidade aprendeu a amar a Deus e, melhor ainda, a se deixar ser amado por Ele. O apóstolo amado de Jesus, João, menciona em sua primeira carta (IJo 4.10) que: “Nisto consiste o amor, não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou primeiro, e enviou o seu Filho como propiciação pelos nossos pecados”<sup>98</sup>. Por isso, entende-se que o amor de Deus já foi demonstrado na cruz do calvário, em favor de toda a humanidade; contudo, nem todos têm conhecimento de que são amados por Deus, vale um despertamento a essas pessoas, cabe aos conhecedores dessa verdade anunciá-la a todos quantos for possível.

---

<sup>98</sup> A BÍBLIA Anotada = The Ryrie Study Bible / Texto Bíblico: Versão Almeida, Revista e Atualizada, com introdução, esboço, referências laterais e notas por Charles Caldwell Ryrie; Tradução de Carlos Oswaldo Cardoso Pinto, - São Paulo: Mundo Cristão. 1994.

Concluindo, o grupo de educadores do CEEI – “Artur Montanha” estava consciente de que seu papel não era apenas receber demanda da sociedade, nem apenas dialogar com ela. Seu papel era construtivo e estruturador. Ao produzir, discutir e difundir conhecimento, a escola contribuiu para transformações sociais, afirmando a importância curricular da ética, da capacidade de reflexão sobre problemas da sociedade, buscou formar cidadãos responsáveis e capazes de promover transformações democráticas e, principalmente, aproximá-los do mundo do trabalho. E vale ressaltar que ficou caracterizado um altíssimo nível de resiliência no grupo assistido.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A BÍBLIA Anotada = The Ryrie Study Bible / Texto Bíblico: Versão Almeida, Revista e Atualizada, com introdução, esboço, referências laterais e notas por Charles Caldwell Ryrie; Tradução de Carlos Oswaldo Cardoso Pinto, - São Paulo: Mundo Cristão. 1994.

ARAUJO, Ulisses F. “O ambiente escolar e o desenvolvimento do juízo moral infantil”, in: Lino de MACEDO (org.). *Cinco estudos de educação moral*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1996. p. 58-67

ASSMANN, Hugo. *Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 17-34

ASSMANN, Hugo: *Competência e sensibilidade solidária : Educar para a esperança / Hugo Assmann, Jung Mo Sung*. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2000.

BARBOSA, George. S. *Resiliência em professores do ensino fundamental de 5ª a 8ª Série: Validação e aplicação do questionário do índice de Resiliência: Adultos Reivich-Shatté/Barbosa*. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2006.

BOFF, Leonardo. *Saber Cuidar. Ética do humano – compaixão pela terra*. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

BRANDENBURG, Laude Erandi et al. *Fenômeno religioso e metodologias: VI Simpósio de Ensino Religioso - São Paulo : Sinodal/EST, 2009*. p. 75.

CHIZOTTI, A. *Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais*. São Paulo: Cortez. 1991.

CUSSIÁNOVICH, Alejandro; MÁRQUEZ, Ana Maria. *Participação das crianças e adolescentes como protagonistas*. Documento elaborado para Save the Children. Rio de Janeiro: Save the Children, 2002.

DELORS, Jaques. *Educação : um tesouro a descobrir*. – 4. ed. - São Paulo : Cortez : Brasília, DF : MEC, UNESCO. 2000.

ESCOBAR, Raúl Tomás. *El crimen de la droga*. Buenos Aires: Eudeba, 1995.

FORELL, George W. *Ética da decisão: introdução à ética cristã*. 5 ed. Revista São Leopoldo: Sinodal, 1994.

FREIRE, Paulo. *Educação como Prática da Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 31 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

GARCIA, HIDOBRO, J.E., *La educación popular*. In: LAPATÍ, CASTILLO, (Orgs.). *Lecturas sobre la educación de adultos en América Latina*. México, DF: Crefal, 1985.

GRACIANI, Maria Stela Santos. *Pedagogia Social*. SILVA, Roberto; NETO, João Clemente Souza; MOURA, Rogério Adolfo. (orgs.). -- São Paulo: Expressão e Arte Editora, 2009.

GUARESCHI, Pedrinho, *Psicologia social crítica: como prática e libertação / Pedrinho Guareschi*. – 4. ed. Ver. Ampl. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

GUIMARÃES, Marcelo Rezende. *Um Novo Mundo é possível: Dez boas razões para educar para a paz, praticar a tolerância, promover o diálogo inter-religioso, ser solidário, promover os direitos humanos*. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da Libertação: perspective*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1979.

HERMANN, Nadja. Este artigo faz parte da pesquisa “*Elementos para uma educação ético-estética II: autocriação e horizonte comum*”, financiada pelo CNPq. Acesso ao periódico pelo site: [www.scielo.com.br](http://www.scielo.com.br) em 20/01/2009.

HOCH, Lothar Carlos. HEIMANN, Thomas. *Aconselhamento Pastoral e espiritualidade*. – São Leopoldo/EST : Sinodal, 2008.

JAEGER, Werner. *Paidéia*. São Paulo, Martins Fontes. 1986.

PIAGET, Jean. *A Construção do Real na Criança*. Rio de Janeiro: Zahar, 1970

JOB, F. P.P. *Os sentidos do trabalho e a importância da resiliência nas organizações*. Tese (Doutorado em Administração de Empresas). São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 2003.

KANT, Immanuel. *Preleções sobre Psicologia*. Leipzig, 1889.

KRAMER, Sonia, *Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças*. Cadernos de pesquisa, n. 116. São Paulo. 2002.

LABURTHE-TOLRA, Philippe. *Etnologia – Antropologia* / Philippe Laburthe-Tolra, Jean Pierre Warnier ; tradução de Anna Hartmann Cavalcanti ; revisão da tradução Jaime A. Clasen, revisão técnica Antonio Carlos de Souza e Lima. – Petrópolis, RJ : Vozes, 1997.

LUTERO, Martim. *Da Liberdade Cristã*/Martim Lutero; tradução de Walter Altmann - 5ª ed. – São Leopoldo : Sinodal, 1998.

MCFAGUE, Sallie. *Modelos de Dios: teologia para uma ecológica y nuclear*, Santander: Sal Terrae, 1994.

NATASON, Maurice. *Phenomenology and the Social Science*. Volume 1. São Paulo: Natason : Phenomenology and the Social Sciences. 1998.

NODDINGS, Nel. *O cuidado: uma abordagem feminina à ética e à educação moral*. São Leopoldo, Unisinos, 2003.

NÚÑEZ HURTADO, C. *Reflexiones sobre la educación popular ante el signo XXI em Contexto cultural y socioeducativo de la educación social*. Sevilla: Universidad de Sevilla, 1998.

OTTO, Rudolf. O SAGRADO, *Os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional* / Rudolf Otto. [Traduzido por] Walter O. Schlupp. – São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007.

RIBEIRO, Marlene no Artigo: *Exclusão e Educação Social: Conceitos em Superfície e Fundo*: (INAME, 2003)

ROMANS, Mercè; PETRUS, Antoni; TRILLA, Jaume. *Profissão: educador social*. Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2003.

SANTIAGO, G.L. *As Utopias Latino Americanas: em busca de uma Educação libertadora*. Campinas: Alínea, 1988.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Reinventar a Democracia*. Fundação Mário Soares. Gradiva Publicações, Ida. Lisboa. Portugal. 1998.

SANTOS, Hugo N. *Dimensões do Cuidado e Aconselhamento Pastoral: Contribuições a partir da América Latina e do Caribe*. – São Paulo: ASTE; São Leopoldo, RS: CETELA, 2008. Vários autores.

SCHUTZ, Alfred. *Fenomenologia e Relações Sociais* - Tradução e Organização Helmut R. Wagner. Ed. Zahar Editores. Rio de Janeiro. 1979

SPRADLEY, J. *The ethnographic interview*. Nova York, Prentice Hall, 1979. Stanton e Todd (Becoña, 1982, ap. Rodriguez e De Santiago, 2003

TIPACTI, José Galindo; MOLINA, Ida et al. *Factores de vulnerabilidad em famílias de Lima metropolitana com relación a problemas del adolescente com ênfasis en el consumo de drogas*. Lima: Centro Nacional para el Desarrollo y la Vida sin drogas, 2003.

TRILLA, J. *La Educacion fuera de la escuela. Ámbitos no formales y educación social*. Barcelona: Ariel, 1996.

VANCOURT, Raymond. Kant. Lisboa: Edições 70. 1987.